

J O R G E C O S T A

✱ **mensagem** ✱  
DE LISBOA

# Diário de um sem-abrigo

Os dias (e noites) de Jorge Costa  
a viver nas ruas de Lisboa



PREFÁCIOS DE:  
Marcelo Rebelo de Sousa  
e Nuno Markl

|   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|
| O | F | I | C | I | N | A |
| D | O | L | I | V | R | O |

## Ficha Técnica

Título original: Diário de um sem-abrigo

Autor: Jorge Costa

Editora: Rita Fazenda

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Carla Paulo

Capa: Rui Rosa

ISBN: 9789896614652

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

©2022, Jorge Costa; Mensagem de Lisboa

([www.amensagem.pt](http://www.amensagem.pt)) e Oficina do Livro

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: [info@oficinadolivro.leya.com](mailto:info@oficinadolivro.leya.com)

[www.oficinadolivro.leya.com](http://www.oficinadolivro.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

## Índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Prefácio por Marcelo Rebelo de Sousa – Diário de um sem-abrigo](#)

[Prefácio por Nuno Markl – O que é um sem-abrigo?](#)

[Introdução Catarina Reis, jornalista da Mensagem de Lisboa](#)

[Ser sem-abrigo é viver sem tudo o que sempre demos como adquirido.](#)

[Não tinha onde dormir. Olhei para o banco de jardim com uma perspetiva diferente. O primeiro dia sem-abrigo.](#)

[“Não podes ir pedir assim vestido. Muda de roupa e vamos à vida!” Dicas de uma sobrevivência sem-abrigo.](#)

[“És um gajo bem-educado e tens boa pinta. Isso é bom para arrumar carros.”](#)

[Há prostituição organizada nas casas de banho da Gare do Oriente.](#)

[“A fome não é calma. A fome revolta.”](#)

[“Se te apanharem, mete o que roubaste em cima do balcão, diz que és sem-abrigo e que roubas para comer.”](#)

[Eu, dantes, gostava de ouvir o som da chuva lá fora. Agora, dormia onde a chuva cai impiedosamente.](#)

[Os sem-abrigo aprendem a não chorar. Na rua, quem é fraco não sobrevive.](#)

[“Olha, Zé, já tenho uma casa, vês? Gostava que estivesses aqui, vivo, meu amigo.”](#)

[Quando o barbeiro, o Sr. António, me devolveu a esperança com empatia e um corte de cabelo.](#)

[Já não aguentava deambular pelas ruas. A minha vida era similar à de um animal.](#)

[Tomei três duches quentes e ando pela minha nova casa, nu e a dançar.](#)

[Quem sou eu? Um sem-abrigo com casa. É a definição que mais se ajusta a quem sinto ser.](#)

[Moções da Câmara Municipal de Lisboa](#)

JORGE COSTA

# DIÁRIO DE UM SEM-ABRIGO

Os dias (e noites) de Jorge Costa a viver nas ruas de Lisboa

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

## PREFÁCIO

Diário de um sem-abrigo  
por Marcelo Rebelo de Sousa

À *Mensagem de Lisboa* – e, muito concretamente, a Catarina Carvalho – devemos a publicação deste Diário descompassado de Jorge Costa.

Sem abrigo, com intermitências, este seu depoimento é diferente dos poucos entre nós escritos, normalmente em obras de estudo ou ensaio, acerca das dificuldades da vida dos carecidos, não só de casa condigna, como, desde logo, de teto.

Jorge Costa viveu o ser sem-abrigo com total e contundente independência crítica.

Mesmo quando conheceu a experiência de uma casa, estilo quase “Housing First”, manteve sempre a ligação à rua, a vivência da rua, a memória da rua.

Daí a força do presente testemunho.

Distanciado, na análise lúcida do seu percurso, no meio de tantos outros, tão diversos.

Capaz de avaliar as fragilidades, mas também a coragem cívica de lutar, até ao fim, por uma causa que sabia coletiva.

Porque – é bom que se diga, uma, duas, três, vezes sem conta – os sem-abrigo, como os subalojados, os apoiados por cuidadores informais, e tantos outros – não são só um desafio pessoal, são um desafio comunitário.

Perante ele não podemos fazer de conta. Existe e é grave. E é um desafio de todos nós.

Recordo, sempre, uma de milhentas histórias que vivi. Em Lisboa. Em 2019. Numa das maiores avenidas. Maiores e com mais lojas de bens ou serviços de luxo.

Numa esplanada, jovens naturalmente privilegiados, comiam e bebiam.

Para chegar até a um sem-abrigo, que, há anos, dormia num recanto de um dos prédios, atrás da esplanada, tinha de pedir licença àquela multidão de quadros qualificados, pletóricos de futuro.

A custo, passei. Aí, eles notaram e estranharam o que ali fazia.

Quando lhes apontei a razão do incómodo – um sem-abrigo, que desconheciam, apesar de, dia sim, dia não, por lá andarem, pasmaram.

Mas, havia mesmo um sem-abrigo onde eles nunca o tinham visto?

É, também, por causa de histórias como esta e muitas mais, que livros como o de Jorge Costa são essenciais.

Como essencial é que as receitas da sua venda permitam criar um prémio para jornalismo sobre sem-abrigo.

Há de haver um dia em que os “invisíveis”, “inconvenientes”, “ignorados” das ruas de Portugal entrem pelos olhos dentro da grande maioria dos portugueses.

Porto, 7 de maio de 2022

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

## **PREFÁCIO**

O que é um Sem-Abrigo?  
por Nuno Markl

O que é um sem-abrigo? Que clichés abre o nosso preguiçoso e não-tão-criativo cérebro quando confrontado com a expressão?

Talvez o clássico maltrapilho dos filmes, agarrado a uma garrafa ou um pacote de vinho. Talvez isso, acumulado com um criminoso. Alguém perigoso. Alguém que nunca fez nada na vida. Alguém sem estudos, sem cultura. Alguém que achamos muito distante de nós. Tão distante, que mesmo que viva na mesma rua que nós, pode ser alguém a quem nunca dirigimos a palavra. Por medo. Por falta de tempo. Porque nos achamos bons de mais para gastar tempo com alguém tão insignificante. Porque temos medo que o cheiro, a falta de higiene, alguma doença nos contamine.

Quantas vezes lhes virámos a cara, quando nos pediram alguma coisa? Quantas vezes os tratámos como um incómodo durante um passeio que, não fossem eles, estava a correr tão bem?

Pois bem, o Jorge Costa foi um sem-abrigo. Ele diria que, mesmo já a dormir sob um teto, continuava a sê-lo. Era também alguém com quem eu tinha várias coisas em comum: ambos tínhamos, recolhida da internet, a coleção completa dos argumentos de Quentin Tarantino. Ambos víamos a vida um bocado como um filme. Ambos tínhamos doses suficientes de música na nossa cabeça para construir a banda sonora desse filme.

Separava-nos algo fundamental, e não era ele ser um sem-abrigo e eu não. Eram os números. Não tivemos tempo de falar sobre isso, mas creio que o Jorge percebia infinitamente mais do que eu de Matemática, ou não tivesse ele trabalhado em contabilidade.

Há muitos Jorges Costas. Somos capazes de conhecer vários – com a sua vida, a sua família, os seus *hobbies*. A sua casa. Mas este Jorge Costa teve o infortúnio de se tornar um sem-abrigo, mostrando que ninguém está livre de uma hecatombe destas.

Os últimos dois anos da vida do Jorge foram um inferno polvilhado, aqui e ali, de esperança e de algo assemelhado a alegria. Teve boas surpresas com pessoas, boas surpresas com instituições. Não terá resgatado a felicidade, conceito que nele se torna óbvio como algo que chega em pequenas doses momentâneas que devem ser desfrutadas e sorvidas avidamente – dançando nu debaixo de um teto, dentro de uma casa, por exemplo.

Mas com os seus textos, escritos por alguém que tem uma cultura visual, que atravessa o seu drama como se estivesse num filme, o Jorge conseguiu um triunfo que merece ser partilhado e passado de geração em geração: ele deu um rosto, uma biografia, uma proximidade de vizinho – ou mesmo de amigo – a tantos sem-abrigo.

Ao relatar a sua história, ele relatou a de tantos a quem viramos a cara quando nos cruzamos com eles. Talvez agora que o Jorge Costa já cá não está, ele tenha passado a existir não numa estrelinha a brilhar no céu – não há assim tanta utilidade para estrelinhas, pois não? –, mas no olhar de todos os homens e todas as mulheres que vagueiam pelas ruas, ao frio, ao calor, à chuva, ao vento, sujeitos a violência, a fome, à crueldade de existir.

Gosto de pensar que ele percebeu que era para aí que iria depois de partir. Não verá o filme ou a série que estamos a construir a partir da sua história, mas isso será sempre apenas um filme ou uma série. Ele viveu tudo aquilo, saiu de lá para contar e, ao contar, poderá ter mudado a vida de outros.

A última mensagem dele, no WhatsApp, dizia: “Eu gostaria que as cenas fossem realizadas nos locais originais, ou seja, onde as coisas aconteceram. Mas isto sou eu a falar. Deve ser muito complicado filmar na Gare do Oriente ou em Santa Apolónia.”

Complicadas são outras coisas, caro Jorge. Isto vai ser o mais fácil.  
Obrigado por tudo.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

# INTRODUÇÃO

Catarina Reis  
*jornalista da Mensagem de Lisboa*

À primeira vista, Jorge Costa era simplesmente um homem. Quase sempre de barba farta, quase sempre de calças de ganga, uma *t-shirt* com evocação a um artista de música ou a um filme de Quentin Tarantino, cabelo tantas vezes comprido. Um homem. O que distinguia Jorge não se via: ele tinha algo para contar que a maioria dos mortais não tem.

Jorge estava a sair de um período de oito meses como sem-abrigo. Foi isso que fez com que nos cruzássemos naquela manhã fria de janeiro de 2021.

O momento em que Jorge Costa, então com 54 anos, se sentiu confortável para finalmente partilhar essa história com todos coincide com o nascimento de um jornal local e comunitário na cidade que o viu nascer e crescer: a *Mensagem de Lisboa*. E a *Mensagem* chegava à cidade com a ideia de mostrar e ouvir a voz dos muitos que passam despercebidos. Ou mesmo passar a caneta para as mãos de quem tinha vivido uma experiência pessoal e muito pouco transmissível.

Jorge Costa fundou, assim, o *Diário de um sem-abrigo*, crónicas escritas na primeira pessoa por quem teve o céu de Lisboa como teto.

“Há aqui um homem que escreve umas coisas e acho que escreve muito bem.” Foi assim que o nome de Jorge Costa nos chegou pela primeira vez ao ouvido. Pela voz de Teresa Bispo, na altura coordenadora do NPISA – Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo de Lisboa. Foi ela quem respondeu ao nosso repto de encontrar um cronista para este *Diário*.

Ela, uma das pessoas que melhor tinha rece-bido Jorge quando ele chegou ao centro de abrigo temporário do Casal Vistoso, na freguesia do Areeiro, em meados de 2020. Jorge vinha da rua, roupa suja, poucos

banhos nos últimos meses e, no olhar, a estranheza de quem não sabe como pertencer a este mundo – quanto mais a um onde havia agora uma pandemia e ele não tinha casa para se abrigar.

Teresa Bispo apresentou-o como “homem” e nunca “sem-abrigo”. E Jorge agradecia a todos os que o olhavam além da condição em que vivera durante menos de um ano da vida dele. Não raras vezes, ele contava sobre o momento em que, à saída do Centro Comercial das Olaias, por onde andava a pedir dinheiro, um homem lhe tocara no ombro para dar um recado. “Desculpe, senhor. Deixou cair essa nota no chão.” Cinco euros. Não era de Jorge, ambos sabiam. “Foi a vez em que me trataram com maior dignidade na rua”, assim contava a quem queria ouvi-lo.

Ouvi esta história pela primeira vez em janeiro de 2021, na Gare do Oriente. Tínhamos um primeiro encontro marcado na estação, ao final da manhã. Só lhe sabia o primeiro e último nome – Jorge Costa –, sabia que a vida o tinha posto na rua durante oito meses e sabia ainda que gostava de escrever.

Esperei por um qualquer aceno de mão, en-costada a um pilar do segundo piso da Gare. Por mensagens, Jorge ia alertando a quantos minutos estava de chegar. Ele vinha de metro, por isso, passei o tempo de olhos no movimento que subia das escadas rolantes do piso subterrâneo de uma gare em alvoroço, num dia de semana. De repente, um passo mais leve do que os outros, lento e desorientado. Eu ainda não adivinhava que era o Jorge. O dono deste passo saiu das escadas rolantes, deu mais uns cinco passos em frente, olhou à volta e caiu sobre o seu próprio corpo, ficando de joelhos.

Vergado sobre as pernas, cotovelos nos joelhos e mãos na cabeça, percebi que aquele homem cho-rava. Corri, já a adivinhar quem seria. Poderia estar enganada, é certo, mas corri e perguntei-lhe. “Desculpe. É que eu não vinha aqui desde o dia em que deixei de dormir nesta estação”, disse-me. Era ele.

Logo nesse dia, percebi que Jorge era especial. Aceitou o desafio de escrever para a *Mensagem de Lisboa*. Ia passar a ser cronista e receber

finalmente um ordenado, como colaborador. Um primeiro texto e soubemos logo que tinha de ser ele.

Jorge escreveu 14 crónicas sobre esta saga de oito meses passados na rua, a selva que pode ser Lisboa para os sem-abrigo, as amizades que se travam e os amigos que roubam para sobreviver. E, finalmente, a chegada a um quarto com teto. “Ser um sem-abrigo. O que é? As pessoas não conseguem imaginar o que é, incluindo eu, antes de ter sido um.” Assim começou por escrever a odisseia.

O primeiro dia, Jorge recordou-o na primeira crónica que podem ver neste livro: eram oito da manhã quando ele chegou à Gare do Oriente, tornado sem-abrigo pouco mais de uma hora antes, depois de perder a casa por falta de pagamento. O verão tinha chegado a Lisboa, era uma manhã quente de julho, em 2019. No bolso, levava algumas moedas, dois ou três cigarros e um telemóvel sem saldo para telefonar. Gastou os últimos trocos numa garrafa de água e num café. E os trocos seguintes só os ganhou porque, nesse dia, encontrou logo Zé, um homem mais ou menos da idade dele, vestido com “calças de ganga velhas e usadas” e uma “*t-shirt* suada”, “cabelo sujo e barba grande e desgrenhada”.

Nesse dia, vergou-se também, como no dia em que o conheci. Mas daquela vez foi para chorar sentado sobre o tampo de uma sanita da casa de banho da estação. Um choro como nenhum outro, lembrava Jorge. Na mesma casa de banho onde, viria ele a descobrir, havia prostituição organizada, o lugar onde homens com posses trocavam dinheiro por sexo com quem não tinha um tostão. “Estive perto de aceitar fazer aquilo”, disse-me e foi a segunda vez que o vi chorar.

Aquele era um mundo estranho para um an-tigo técnico administrativo.

O dia terminou num banco de jardim do Parque das Nações. Um banco que agora era uma cama, com ripas que lhe feriam as costas, mas que, perante o resto da cidade, até parecia um colchão. Havia bancos e chãos de Lisboa melhores do que outros, aprendeu. Muito se aprende quando a rua é casa e talvez fôssemos totalmente alheios a esses ensinamentos, até Jorge começar a escrever.

A odisseia que ele nos contou começou a terminar quando a pandemia de Covid-19 rompeu e a Câmara Municipal de Lisboa abriu centros de abrigo temporários para as pessoas em situação de sem-abrigo. Foi nas ruas, então vazias, que Jorge ouviu falar de “um tal de pavilhão Casal Vistoso”, um desses centros de abrigo. Bateu àquela porta, sem imaginar que daquele pavilhão já só sairia com uma casa, ao abrigo do programa “Housing First”[Casa Primeiro].

Primeiro, uma casa em Alfama, “com baloiço e tudo”, gostava de dizer. Um bairro que aproveitou mais de noite do que de dia, depois de decidir criar uma página de Instagram para publicar fotografias com os recantos iluminados pelas lanternas das mais estreitas ruas de Alfama. E, afinal, há muito que Jorge tinha perdido o medo da noite.

Não muito depois, mudou-se para uma casa na Baixa. Após meses na rua, a comer o que lhe davam, Jorge, que era mais de peixe, teve uma das maiores alegrias ao voltar a cozinhar. Ele, que se dizia bom cozinheiro, mas nada tradicional: o bacalhau do Natal era feito na frigideira. E diz quem lhe foi próximo que a especialidade era arroz de cabidela.

Com a casa, ganhou também um sítio para ouvir a música de que tanto gostava – quantas vezes The Rolling Stones não hão de ter ecoado por aquelas paredes? Mas era também uma casa onde já não havia espaço para a coleção de argumentos de todos os filmes de Quentin Tarantino que Jorge dizia ter guardado ao longo da vida.

Uma casa com máquina de lavar, que Jorge pôs ao serviço dos que com ele tinham partilhado destinos anteriores, mais tristes: ofereceu-se para lavar roupa de outros ainda em situação de sem-abrigo. Jorge contava esta história e deixava sempre no ar esta sensação de que estávamos a assistir à melhor versão dele em todos estes anos de vida. “Sou outra pessoa”, dizia; mesmo mais sozinho, mesmo tendo passado por tanto.

Enquanto escrevia as crónicas, Jorge caminhou mais do que nunca. Regressou aos sítios onde dormiu e por onde passou como sem-abrigo. Assim, lembrar-se-ia melhor dos detalhes, acreditava.

Desde que tinha ido morar para a Baixa lisboeta, os passeios tinham quase sempre paragem “no café da dona Lina”, onde Jorge comprou as

rabanadas para o último Natal. O cancro da pele que se tinha desenvolvido durante o tempo na rua e os maus-tratos com a pele davam cada vez mais sinais de preocupação.

Jorge Costa morreu a 20 de abril de 2022, com 55 anos. Provavelmente, teria morrido anónimo, como tantos outros, como o amigo Zé. Mas as suas crónicas levaram-no ao conhecimento de tantos e tantos. O seu talento conquistou os leitores que o acarinharam, ainda que à distância, neste último ano da sua vida.

Este livro estava já no prelo, mas, em vez deste texto, tínhamos planeado uma entrevista com ele, onde Jorge falaria sobre as tantas perguntas que ficaram por fazer e responder.

Sobre a vida que o levou até à rua sabíamos ainda muito pouco. Há cerca de quatro anos, Jorge teve os primeiros relâmpagos da tempestade em que se tornariam os dias dele. No dia em que a empresa em que trabalhava como técnico administrativo, na área da Contabilidade, declarou insolvência. Jorge Costa e outros funcionários terão ido para o desemprego, sem indemnização.

Dali, saltou para operador de uma gasolinheira e para a construção civil. Em ambas foi trocado por mais jovens, que a idade já pesava para determinados trabalhos. Jorge lembrava sempre como era velho de mais para o mercado de trabalho, mas demasiado novo também para a reforma.

Foi apenas um pequeno passo até perceber que o dinheiro que tinha no bolso só lhe chegava para se alimentar durante os 15 dias seguintes. Falhou a renda, ficou sem teto. Pais, já não tinha; família, só afastada. Escondeu a condição de alguns amigos e os outros, a quem terá pedido abrigo, terão revelado não ter condições para o suportar.

Alguns pormenores ficaram por esclarecer, porque Jorge não falava deles. Qual o peso da toxicodependência na vida? Jorge dizia sempre que não tinha sido por isso que acabara sem-abrigo. Essa fase já lá ia, muito longe, muito anterior. Desde há uns anos, segundo os amigos, compensava essa vida antiga com tabaco e café.

Amigos, ganhou-os outra vez quando chegou e saiu da rua. Como uma das leitoras da *Mensagem de Lisboa*, que um dia escreveu ao cronista Jorge a perguntar como redigia as crónicas – na altura, no pequeno ecrã do telemóvel – e assim lhe fez chegar um computador fixo a casa. Ele ficou eufórico.

Jorge ganhara este poder de tocar tudo e todos. Por causa dele, todos nós passámos a olhar de maneira diferente aqueles que não têm um teto e com quem nos cruzamos nos caminhos na cidade. Depois da publicação da primeira crónica, vários leitores encheram as caixas de e-mail e de comentários da *Mensagem*. Muitos falavam e escreviam de lágrimas nos olhos, como nós, depois do confronto com esta realidade que era, até então, só paisagem na cidade onde vivíamos. Tantos outros arregaçaram mangas, tornaram-se voluntários em Lisboa e até lhe fizeram chegar cabazes.

A vida dele mudava de dia para dia. “Nem me acredito nisto”, desabafava. Chegavam os convites para contar a história na televisão e, numa manhã na nossa redação, encontrou-se com Nuno Markl, radialista e comediante, que se confessara leitor e admirador da escrita dele. Sentados um ao lado do outro, debatiam guiões de obras com cunho de Markl, como Jorge não perdia um episódio d’*O Homem que Mordeu o Cão* e como a música os unia, afinal.

Naquele dia, Nuno seguiu caminho para o trabalho e Jorge foi almoçar connosco, num almoço em que esteve alheio a tudo o que lhe caía na mesa – nos olhos dele, víamos apenas o espanto que estava a sentir por se ter encontrado com um dos homens que mais admirava. “Nem me acredito nisto”, repetia. Um encontro que também não foi indiferente a Nuno Markl, que lhe propôs a concretização de um filme com base nas crónicas que Jorge escreveu.

Seguiram-se trocas de e-mails e uma amizade por WhatsApp.

Jorge não era propriamente fatalista com a doença, mas nunca foi otimista também – sempre disse que não iria viver muito. “Mas, enquanto viver, vou escrever. Até acho que escrevo bem”, dizia, com um sorriso irónico.

E escrevia. Foi por isso, porque o que fazia era de uma enorme qualidade e profissionalismo, que marcou tanta gente. Na Lisboa que o adormeceu do início ao fim da vida, cravou a vontade de fazer-nos olhar mais e melhor para todos os que, como ele, tiveram o céu de uma cidade como teto. É isso que faremos. Até já, Jorge.

[www.amensagem.pt](http://www.amensagem.pt)

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**SER SEM-ABRIGO É VIVER SEM  
TUDO O QUE SEMPRE DEMOS COMO  
ADQUIRIDO.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

Ser um sem-abrigo. O que é? As pessoas não conseguem imaginar, incluindo eu antes de ter sido um. E escrevo desta forma e refiro-me a mim próprio como “um”, porque, para a sociedade, não passamos de um número.

Ser um sem-abrigo não significa apenas não ter um teto para dormir. Significa termos de viver na rua, vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, sem tudo aquilo que durante toda a nossa vida sempre tivemos ao nosso dispor como um dado adquirido. E sem as coisas simples e banais que todas as pessoas possuem.

Imaginem o que é viver constantemente na rua, sem um sítio nosso para nos sentarmos a descansar um pouco, sem uma casa de banho para nos lavarmos e fazer as nossas necessidades mais básicas, e sem acesso pessoal a energia elétrica, sem sítio para arrumar a roupa, guardar a comida, sem nada.

Expostos a tudo e a todos, sem privacidade e com uma crescente falta de dignidade. A pergunta mais comum que se faz é: como se chega a esta condição? Como se perde o nosso trabalho, a nossa casa, os nossos amigos e como se vai parar à rua, a dormir debaixo de pontes, em bancos de jardim e nas entradas dos prédios?

É a essa pergunta que vou tentar responder no meu testemunho.

A essa e a muitas mais. Perguntas essas que para lhes responder é necessário passar pela experiência de ser um sem-abrigo. Como eu fui e espero não voltar a ser. Porque viver na rua é uma condição que não deveria ser permitida nem tolerada pela nossa sociedade nem por quem nos governa. Ser sem-abrigo é o nível de existência mais baixo a que o ser humano é obrigado a viver. Por isso vou partilhar a minha experiência nestas linhas. Vou partilhar a vivência e o sofrimento de não ter uma casa para morar. Vou partilhar como se vive e, sobretudo, como se sobrevive.

Existe sempre o primeiro dia como sem-abrigo. Mas este processo, chamemos-lhe assim, começa muito atrás. No meu caso, penso que aconteceu três anos antes da primeira noite em que tive de dormir num

banco público no Parque das Nações, em Lisboa. Começou no dia em que a empresa onde eu trabalhava como técnico administrativo abriu falência. Todo o pessoal ficou desempregado, incluindo eu que já estava nos quadros da empresa.

Indemnização? Ainda hoje, eu e todos os que lá trabalhavam esperamos uma decisão judicial. Compensação laboral, ninguém a viu. Deram-nos apenas os impressos confortáveis para recebermos o subsídio de desemprego.

Percebo hoje que foi nesse momento que tudo começou. E que ninguém pense que é preciso cair o Carmo e a Trindade, como se costuma dizer, para se chegar a esta condição de sem-abrigo. É rápida, a queda. Principalmente para um homem da minha idade, com mais de cinquenta anos.

Neste país em que vivemos, é muito difícil encontrar trabalho depois dos cinquenta anos. Estamos numa idade em que nos dizem que já é muito tarde para trabalharmos. Mas também nos dizem que é muito cedo para nos reformarmos. Em Portugal, isto funciona assim; ou seja, existe uma profissão chamada “desemprego”.

Mas não desisti. Sem trabalho, com a renda da casa, as contas inerentes para pagar e ainda ter de comer... Difícil. Eu aceitava qualquer tipo de emprego. De modo que fui para operador de caixa numa bomba de gasolina. Mas, ao fim de seis meses, terminou o contrato e substituíram-me por um jovem.

Tentei a construção civil. Sem especialização nenhuma, fui para servente. Passado um mês, o diretor da obra veio falar comigo e disse que seria melhor chegarmos a um acordo para eu sair, pois já não tinha idade para fazer certos trabalhos. E ele estava certo. Eu já não tinha idade para andar em cima de andaimes nem para carregar sacas de cimento.

E pronto. Tive de entregar a minha casa ao senhorio e alugar um quarto barato, fora de Lisboa, com a ajuda monetária de uma amiga. E aí, as coisas começaram a piorar.

Emprego, não conseguia obter. O subsídio chegou ao fim. Pagava o quarto e o dinheiro que restava mal chegava para me alimentar durante quinze dias. A ajuda pessoal que tinha acabou-se, pois a pessoa que me auxiliava não podia continuar a fazê-lo. Passei a receber o Rendimento

Social de Inserção, que não era suficiente nem para a renda do quarto, que começou a ficar por pagar...

Amigos? Sim, tentei pedir ajuda, mas as pessoas afastam-se de nós a pouco e pouco quando se apercebem de que estamos em dificuldades. Quando temos alguma coisa na vida, amizades não faltam. Quando passamos fome, até nas redes sociais nos bloqueiam. Enfim, mas isso seriam outros desabafos... Apoios sociais? A sociedade em que estamos inseridos ajuda quem está a subir. Quem está a descer leva um “empurrão”, para descer ainda mais...

Até que chegou o dia! O dia em que recebi o ultimato. Ou pagava as três rendas em atraso ou teria de sair do quarto. Eu já não tinha dinheiro para comer, quanto mais para pagar as rendas.

Numa madrugada, levado pela vergonha, saí de “mansinho” da casa do meu hospedeiro. Sim, pela vergonha. Porque penso que eu ou qualquer pessoa tem sempre vergonha da situação de pobreza, da admissão de ser miserável. E de manhã, estava sentado na estação de comboios, a caminho da Gare do Oriente em Lisboa, com duas malas apenas com o essencial dos meus pertences, basicamente roupa, sem dinheiro e sem saber o que fazer. Só sabia que viria de novo para Lisboa. Não tinha outro sítio para onde ir.

**NÃO TINHA ONDE DORMIR. OLHEI  
PARA O BANCO DE JARDIM COM  
UMA PERSPETIVA DIFERENTE. O  
PRIMEIRO DIA SEM-ABRIGO.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

O que vai ser da minha vida agora? O que vai acontecer? O que vou fazer? Onde vou dormir? O que vou comer? Eram estes os meus pensamentos, sentado no banco do comboio em direção a Lisboa. Regressava à minha cidade, com uma mala e uma mochila com a minha roupa essencial, um cobertor, duas toalhas, alguns objetos pessoais e pouco mais. Foi o que me pareceu necessário e também não podia trazer mais. Tinha algumas moedas na carteira, dois ou três cigarros e um telemóvel sem saldo.

Era apenas isto o que tinha, o que restara da minha vida.

Sempre fui um homem de coragem e com pensamentos positivos. Mas agora estava com medo. No entanto, acreditava que em Lisboa seria possível arranjar uma solução para a que me encontrava. Afinal, era nas ruas de Lisboa que a vida dos sem-abrigo era uma realidade, pelo que sabia através da comunicação social e o que eu próprio observara ao longo dos anos.

Cheguei à Gare do Oriente por volta das oito horas da manhã. Enquanto descia as escadas rolantes da estação, lembro-me de pensar em como a minha situação era surreal. Olhava com um nó na garganta para o Parque das Nações, cheio de boas memórias e recordações da minha vida e do meu passado naquele local. Agora, assolava-me uma angústia terrível e tinha uma sensação de impotência.

Não tinha a quem recorrer. Amigos? Os poucos que tinha, perdi-os à medida que a minha situação se agravava. E também, confesso, fui escondendo de alguns o desenrolar da minha vida no ano anterior. Simplesmente por vergonha. Tentei pedir ajuda, ligando a um ou a outro, mas as respostas do outro lado eram “a minha vida também está difícil”, “desculpa”, “lamento”, “estou a ficar sem rede, liga mais tarde”...

À saída da estação, gastei as minhas últimas moedas num café e numa garrafa de água, e sentei-me em cima da mala junto às paragens dos autocarros, sem saber o que fazer. Acendi o meu último cigarro.

Lembro-me como se fosse hoje dessa manhã quente de julho.

Pouco há a dizer sobre esse dia, pois pouco ou nada fiz. Passeio-o a deambular pelo Parque das Nações, carregando a mala e com a mochila às costas, como que esperando alguma coisa, uma saída ou solução. Começara a observar aqueles que pediam moedas a quem passava, provavelmente a maioria deles sem-abrigo, nas entradas da estação e do metropolitano.

Por vezes, pediam-me a mim e olhavam de lado para a minha mala. E era melhor eu ter cuidado, pois apercebi-me de que, parecendo um fulano qualquer vindo da província ou algo do género, recém-chegado a Lisboa e sem saber o que fazer, era um alvo fácil.

Cheguei à conclusão de que seria melhor tentar integrar-me ali de qualquer forma. Afinal, quem era eu mais do que eles? Lembrei-me de começar a pedir também, nem que fosse para comprar alguma coisa para comer, mas quem iria dar dinheiro a um homem com uma mala de viagem, uma mochila e ainda com um aspeto razoável?

Além disso, precisava de um sítio para dormir. Estava a ficar cansado, com fome e a entrar em desespero, pois já se avizinhava o princípio da noite. Um homem pediu-me um cigarro. Olhei para ele. Não me inspirou confiança. Tinha mais ou menos a minha idade, mas um aspeto pesado e as feições rudes. Vestia calças de ganga velhas e gastas, e uma *t-shirt* suada. O cabelo estava sujo e a barba, grande e desgrehada.

Disse-lhe que não tinha nem tabaco nem dinheiro. Ele replicou que sabia que eu não tinha dinheiro, mas que poderia ter um cigarro. Perguntei-lhe como sabia que eu não tinha dinheiro. Ele olhou para mim com uma expressão óbvia e vazia, e respondeu: “Se você tivesse dinheiro, não andava aí o dia todo, de um lado para o outro, com as malas atrás. Tenha cuidado.” E virou-me as costas tão depressa como me abordara.

Percebi que ele teria estado a observar-me. E olhei em volta... apreensivo. Estava junto à entrada do centro comercial. Cansado, muito cansado... Olhei para a porta, a ver as pessoas a entrarem e a saírem. Pensei, então, que deveria começar a procurar um sítio para dormir. Mas onde?

Entretanto, um outro homem pediu-me dinheiro. Olhei para ele. Tinha, lá está, aspeto de sem-abrigo. Decidi contar-lhe resumidamente a minha situação. Ele começou a ouvir-me. Mas interrompia-me constantemente, olhando para mim de alto a baixo e para a mala, perguntando-me

ansiosamente se tinha alguma coisa de valor para vender. Claro que não tinha. Eu estava a pedir ajuda!

Não consegui acabar de lhe relatar o que se passava comigo, pois ele depressa me virou costas, dizendo secamente: “Faz-te à vida!” Fiquei com aquelas palavras na cabeça, enquanto o via afastar-se. “Faz-te à vida...” Eu não sabia sequer onde iria passar a noite.

Estava cansado. Esfomeado. Não comera nada o dia inteiro. Sentia-me desconfortável. O dia fora quente. Precisava de um banho. De um banho... Nunca experienciara angústia por precisar de um banho. Tive também um desconforto intestinal. Dirigi-me lentamente para as instalações sanitárias da estação. Entrei num dos cubículos e fechei a porta. Pousei a mala e a mochila num canto onde me parecia não haver poças de urina. Sentei-me na sanita, olhando para a porta mesmo à minha frente, cheia de inscrições, *graffiti* e com um aspeto tão sujo como todo o cubículo. Ao meu lado, reparei que o papel higiénico acabara.

Fixei de novo os meus olhos na porta e chorei. Chorei como nunca chorara, sentado na sanita de uma casa de banho pública.

À saída, fui abordado por um segurança da estação. Perguntou-me se estava com algum problema, acrescentando que já reparara em mim há horas e que eu lhe parecera perdido.

Sem hesitar, mas nervosamente, contei-lhe tudo em linhas gerais, na esperança de que ele pudesse ajudar-me. Mas ele limitou-se a lamentar a minha situação, dizendo que eu não poderia ficar dentro da estação, e aconselhou-me a tentar pedir ajuda lá fora ao restante pessoal. Restante pessoal? “Mas quem é o restante pessoal?”, perguntei. Ele respondeu, apontando na direção do Parque: “O pessoal que não tem onde dormir.” Lamentou novamente a minha situação e desejou-me boa noite.

Por fim, saí da estação, pensando que não queria conhecer mais “pessoal” como os meus interlocutores anteriores. Já passava da uma da madrugada e estava tudo a fechar. Dirigi-me, então, para um dos jardins do Parque, por trás do centro comercial. Não se via ninguém por ali. Olhei para os bancos. Lembro-me de que escolhi um por baixo de uma árvore, pois pareceu-me mais acolhedor.

Pensei que, pela primeira vez, estava a ver um banco de jardim de uma perspetiva diferente. A perspetiva é diferente quando entramos num parque ou jardim à procura de um sítio para dormir. Tirei o cobertor da

mala e coloquei-a num dos lados do banco, como se fosse uma almofada. Deitei-me e tapei-me, com a mochila junto ao corpo. Lembro-me de olhar para o céu, pois estava uma noite bonita de verão, com o céu estrelado, sentindo nas costas o desconforto das ripas do banco.

Deitei-me de lado e fechei os olhos. Mas não conseguia dormir. Estava cheio de fome e não era capaz de manter uma posição confortável no banco. Senti-me só. Como nunca me sentira. Sentia-me amargurado e derrotado. Sentia medo. Chorei de novo. Abri os olhos, olhando o céu que estava lindíssimo, e lembro-me de pensar: “Amanhã é outro dia.” Voltei a fechar os olhos e adormeci.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**“NÃO PODES IR PEDIR ASSIM  
VESTIDO. MUDA DE ROUPA E VAMOS  
À VIDA!” DICAS DE UMA  
SOBREVIVÊNCIA SEM-ABRIGO.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**A**cordei. Por momentos, não sabia onde estava. Mas rapidamente me vieram à mente o dia e a noite anteriores. E o corpo dorido por ter dormido no banco de jardim confirmava a minha realidade. A manhã já ia avançada e o sol já me aquecia o rosto. Como num sonho, olhei para o relógio do telemóvel. Passava das oito. Senti um aperto no peito. O desespero voltou a tomar conta de mim.

Tapei a cabeça com o cobertor, para tentar raciocinar. Estive assim alguns minutos, pensando que seria melhor não ter acordado, pois o verdadeiro pesadelo iria começar agora.

O parque já não estava silencioso como na noite anterior. Ouvia vozes de adultos e de crianças, cães a ladrarem e o barulho do trânsito ao longe. Nisto, senti no ombro dois toques leves, acompanhados por uma voz masculina e austera: “Bom dia. Está acordado?” Destapei a cabeça e olhei para cima, semicerrando os olhos por causa do sol, e deparei-me com o colete amarelo e a farda de um agente da Polícia Municipal. “Estou, sim”, respondi. “Ouça, não pode dormir aqui”, disse ele, com um ar autoritário, mas muito afetado e apreensivo.

Vi nos olhos dele que a sua tarefa era ingrata. Respondi que não tivera onde passar a noite. E ele retorquiu: “Este parque é privado. Mantenha-se sentado e com a roupa de cama dentro da mala.” Roupa de cama, pensei eu. Era apenas um cobertor! Disse ao agente para não se preocupar, porque iria de imediato sair dali. Parque privado... pelos vistos, de futuro teria de dormir num sítio público.

Dominado pela raiva e pela humilhação, encaminhei-me de novo, com a “casa” às costas, para a Gare. E voltei a sentar-me junto ao terminal dos autocarros, sem saber o que fazer. Senti então necessidade de me lavar. Olhei para o espelho do telemóvel e estava horrível. Despenteado, com ramelas nos olhos e com os normais vincos no rosto da noite dormida.

Dirigi-me então para a casa de banho pública da Gare. A meio do caminho, fui interpelado pelo sujeito que me pedira um cigarro no dia anterior e que sabia que eu não tinha dinheiro. Perguntou, em jeito de

retórica: “Então? Ainda por aqui?” Nem sequer respondi. A situação era óbvia. Perguntou-me se eu já comera alguma coisa. Eu disse que não. Não comia nada há mais de trinta horas. Ele rapidamente retirou a mochila velha das costas e, de lá de dentro, um pão com queijo e um pacote pequeno de sumo, dizendo: “O pão não é de hoje e o sumo já ‘tá fora do prazo, mas ‘tá-se bem. São do carro de apoio de ontem à noite. Daqui a pouco, vem o pequeno-almoço.”

Só vos digo que comi em três ou quatro dentadas aquela carcaça dura com queijo já ressequido, enquanto ele me olhava, sorrindo. Que bem que me soube. O sumo, então, bebi-o como se não bebesse um há anos... Fiquei bem, agradeci e sorri-lhe também. Então, ele fitou-me durante uns segundos e perguntou-me: “Que vais fazer agora?” Respondi que não fazia a mais pálida ideia. Ele olhou-me de alto a baixo e indagou: “Queres andar comigo?” Desconfiado, perguntei: “Para fazer o quê?” E ele respondeu, rindo-se: “Para andarmos juntos. Queres?” Olhei-o e ele gritou: “A fazer-nos à vida, caralho!”

Confesso que gostei da forma como ele respondeu. Inspirou-me confiança e era a primeira oferta de ajuda que recebera desde que chegara no dia anterior. Concordei, mas disse-lhe que primeiro teria de ir arranjar-me à casa de banho. Ao ouvir isto, ele disse-me muito depressa: “Fazer o quê à casa de banho? Não achas que estás já com demasiado bom aspeto para ir pedir? Aliás, ainda ‘tás limpinho de mais... Para já, temos de refundir essa mala e essa mochila. Assim, ninguém te dá guito. Anda comigo ali ao viaduto, para guardar isso.”

Hesitei, desconfiado outra vez... No fundo, eu não sabia com quem estava a falar, certo? Ele olhou para trás e, como se me lesse os pensamentos, disse-me com clareza e assertividade: “Ouve, ó bacano, não confias em mim? Tens escolha? Se não quiseses vir comigo, ‘tás à vontade. Olha, boa sorte!”

Pedi-lhe desculpa, mas ele teria de entender as minhas dúvidas. Eu não sabia sequer o nome dele, nem sabia o que iria fazer... Ele suspirou, um pouco enervado e revirando os olhos como quem já tivesse ouvido aquilo centenas de vezes. Depois, disse, mais calmo: “Que te interessa o meu nome? Que me interessa o teu? Mas ‘tá, sou o Zé. Ou, então, chama-me ‘padrinho’. Vamos embora ou ficas aí a pastar?”

Ri-me e disse-lhe que o meu nome era Jorge. E lá nos dirigimos rapidamente para o tal viaduto, fora do perímetro do parque. Perguntei porquê o termo “padrinho”, porque é que ele queria ajudar-me e o que iríamos fazer. E, sem parar de caminhar, ele ia respondendo às minhas perguntas. “Olha, Jorge, se quero ser teu padrinho, é porque em tempos também tive alguns. E tu, se te aguentares nesta merda, um dia também vais ser padrinho doutro cromo qualquer. O que vamos fazer? Já se vê...”

Chegámos ao viaduto. Caminhámos para a parte que vai descendo em direção ao chão. E vi o “cantinho” do Zé. Um colchão velho encostado à dobra entre o princípio do viaduto e o chão de pedra. Era o sítio mais acolhedor para se dormir. Um cobertor velho para se tapar e um outro, enrolado, a servir de almofada. Ao lado, um fogão *Petromax* de um só bico e três ou quatro garrafas de água. E debaixo de uma enorme caixa de cartão, improvisando um armário, ele guardava uma mala grande com roupa, um saco de plástico com latas de conserva e um pacote de vinho já aberto.

À volta, parecia uma lixeira. Senti-me enojado. Ele reparou na minha expressão, mas não disse nada. Pediu-me apenas a minha mala e a minha mochila para guardar, perguntando: “Tens alguma coisa de valor dentro dos sacos?” Eu disse que não. Só a roupa de que precisava, duas toalhas e algumas fotos do meu passado recente, de família e pouco mais. O telemóvel estava comigo.

Enquanto ele dispunha as minhas coisas debaixo do “armário” de cartão, perguntei se era seguro deixá-las ali. Ele perguntou, ironicamente: “Tens algum sítio melhor?” É claro que não consegui responder-lhe. Mas ele acrescentou: “Recua dez metros e olha para aqui. Vês o quê? Uma lixeira... Achas que alguma pessoa vem aqui procurar alguma coisa? Só quem pode saber que talvez haja aqui qualquer coisa, são os outros... mas esses sabem que este canto tem dono. Mas é sempre um risco que temos de correr.”

“Os outros? Quem são os outros?”, perguntei. Sem me olhar, ele respondeu que os outros eram os restantes sem-abrigo que dormiam nas imediações. E continuou: “Bom... temos de arranjar um colchão para ti.” Quando ele disse isso, perguntei outra vez porque é que ele estava a ajudar-me. Ele sorriu e respondeu: “Olha, não sei... Sabes, isto aqui é só animais. Tens de ter cuidado, ouve... há aqui de tudo.” Dizendo isto,

levantou a bainha das calças e vislumbrei, entre o tornozelo e a meia suja, a ponta de uma faca.

Baixou de novo a bainha e continuou, sorrindo: “Porque te ajudo? Talvez porque chegaste ontem aqui à selva. És novo ainda.” E acrescentou: “Depois, há bichos que inspiram mais confiança do que outros... E tu tens cara de panda!” E eu retorqui de imediato: “Não querendo insultar o meu padrinho, acho que tu tens cara de cão com pulgas!” Rimo-nos ambos à gargalhada. Ele pegou no pacote de vinho, perguntando: “Vai um *Porca de Murça* marca loja indiana a 70 cêntimos? É uma grande merda, mas é o que se pode arranjar!” Claro que aceitei.

Quando ele ia a beber o seu gole, passou um indivíduo com muito mau aspeto, um sem-abrigo também, e perguntou: “Dá para dar uma bicada?” O Zé mudou para uma expressão rude, respondendo-lhe: “Não! Não há nada para ti aqui. Arranja o teu. Andamento!”

Enquanto o outro se afastava e depois de eu acabar de beber o meu gole daquela zurrapa de pacote, perguntei ao Zé porque não quisera dar ao outro um gole de vinho. Pensei que existisse solidariedade entre os sem-abrigo. O Zé olhou-me nos olhos com uma expressão como ainda não lhe vira e disse-me: “Olha, tu fazes o que quiseres. Mas de uma coisa te aviso: aqui, neste mato, um homem não chega, dois são o suficiente e três são de mais! Acredita no que te digo. Depressa vais entender.”

Fiquei a olhar para ele com aquelas palavras a bailarem-me na mente, sem perceber nada. Mas nunca as esqueci. Esta crónica que escrevi hoje para vocês, caros leitores, foi inspiradora e encorajadora. Recordo-me de que passei uma manhã boa na companhia do Zé, o meu padrinho. Mas foi apenas o começo de toda a minha experiência.

Nessa altura, eu ainda estava longe de imaginar o inferno e o sofrimento por que iria passar. Ainda estava longe de conhecer os perigos e as lesões irreparáveis que me esperavam. Deixo isso para as próximas crónicas, se quiserem acompanhar-me.

E acabo este relato com o que o Zé me disse logo a seguir: “Eh, pá, vais ter de deixar aqui essa *t-shirt* e essas calças. Parece que saíste agora do escritório. Como é que podes ir pedir assim? Toma esta roupa e vamos à vida!” E lá fui eu ao lado do Zé, com uma *t-shirt* com o logótipo de uma marca de pneus, puída e desbotada, e uns *jeans* coçados que só conseguia apertar até ao segundo botão. E fomos fazer-nos à vida.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**“ÉS UM GAJO BEM-EDUCADO E TENS  
BOA PINTA. ISSO É BOM PARA  
ARRUMAR CARROS.”**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

Nunca gostei de pedir dinheiro. Evitava sempre pedir dinheiro emprestado, até a amigos mais próximos, por muito que necessitasse. Talvez pela forma como fui educado, talvez por orgulho também, confesso... Ficava sempre muito embaraçado. E agora ali estava eu: era um sem-abrigo numa estação de comboios, a tentar pedir esmola a quem passava.

Fi-lo por sugestão de outro, que eu não conhecia, olhando para ele de longe, vendo-o a abordar as pessoas e a pedir dinheiro de uma maneira que eu simplesmente era incapaz. Aliás, deviam andar por ali uma dezena de sem-abrigo a pedir.

Nessa manhã, eu tinha vestida uma roupa que me envergonhava, emprestada por ele, o meu “padrinho de rua”. Estava lavada, mas a *t-shirt* era velha e feia, e os *jeans*, usados e apertados, causavam-me desconforto. Mas compreendi que não podia andar a pedir esmola com a minha roupa de marca.

Estava sentado num banco da estação, a fumar um cigarro que um rapaz finalmente me dera após ter pedido a mais de dez pessoas. Era mais fácil para mim pedir um cigarro do que dinheiro. As pessoas olhavam-me com uma expressão familiar que eu não conseguia definir. Um olhar que me envergonhava. Enquanto fumava e via o cigarro a chegar ao fim, cheguei à conclusão de que essa expressão era a mesma que eu sempre tivera quando, no passado, olhava para alguém que me pedia dinheiro na rua. Por isso me era familiar... E senti-me mal. Senti-me mal por ser alvo daquele olhar. Aquela expressão de pena, de indiferença ou, por vezes, acusadora. E sentia-me mal por perceber que já olhara assim para alguém.

Deitei fora a beata do cigarro que fumara até ao filtro e fiquei a fixar o chão. Com um olhar vazio, sem conseguir pensar. Ouvi a voz alta do Zé, que acabara de se sentar ao meu lado, aparentemente bem-disposto: “Então, ó *Panda*? ‘Tás-te a safar?’” A pergunta irritou-me e disparei: “Eh, pá, vai chamar *Panda* ao raio que te parta!” E falando alto para ele também, começaram a sair-me da boca palavras à velocidade de balas.

Comecei a dizer que não sabia o que fazer. Que não sabia viver assim e que não estava preparado para aquilo. Que nunca pedira esmola, que tinha vergonha e nem sabia como fazê-lo. Que não estava habituado à miséria e que estava agora enterrado nela. Que estava arrependido do que fizera e não fizera na minha vida, sabia lá já! Que não me sentia bem com aquela roupa e que queria a minha de volta. Que precisava de tomar um banho, sem ser numa casa de banho cheia de mijó no chão e a cheirar a merda! Pedi-lhe desculpa por não ser como ele.

Fitei-o, esperando possivelmente que ele se levantasse e se fosse embora. Que pudesse reagir mal e me agredisse ou fizesse algo de mau, lembrando-me da faca que ele trazia junto ao tornozelo. Mas ele ouvira tranquilamente todo aquele chorrilho de palavras, com uma expressão séria e preocupada ao mesmo tempo, divertida. Recostou-se no banco e perguntou-me calmamente: “Não és como eu? Então, és como quem?”

Olhei-o em silêncio, sem conseguir responder. Ele sorriu e perguntou-me se queria beber uma pinga de vinho, pois ainda era cedo para chegar à estação [do Oriente] o carro de apoio aos sem-abrigo, que trazia alimentos. Eu disse que não. Tinha era fome e perguntei porque é que ele estava sempre a pensar em bebida. Não respondeu e perguntou-me se eu “fizera” algum dinheiro. Respondi que não. Ele tirou do bolso algumas moedas, contou-as e disse-me que “fizera” quase dois euros. Comentei que não dava sequer para ele comer qualquer coisa. Olhou-me e perguntou novamente: “Queres beber uma pinga de vinho?” Suspirei. Ele esperou. Respondi que sim e fui com o Zé comprar um pacote de vinho.

Lembro-me claramente daqueles primeiros dias. Foram dias duros em que tive de aprender a viver e a dormir na rua. Eu e o Zé dormíamos debaixo de um viaduto perto da Gare do Oriente, junto à parede onde o viaduto descia até ao chão. Segundo ele, no inverno seria impossível dormir ali por causa do frio e do vento, mas como era princípio de agosto estava-se ali bem. Foi o que ele disse. Lembro-me de pensar como seria a hipótese de não se estar tão bem.

Ele dormia num pequeno colchão, velho e sujo, dentro de um saco-cama que alguém lhe dera. Eu dormia no chão. Nesses dias, ambos tentámos arranjar um colchão para mim, mas era difícil. Dormia em cima de uma manta velha que ele me dera, dobrada. Era a única coisa que me separava do alcatrão. E tapava-me com o único cobertor que trouxera na mala. As

mochilas serviam-nos de almofada, a minha envolta num toalhão de banho.

Era duro dormir no chão. Além de se sentir a sua rigidez que causa dores, o corpo fica por vezes dormente. Sentia isso quando queria mudar de posição como o fazia no conforto de uma cama. Era horrível.

Tive muita dificuldade em dormir naqueles primeiros dias. E o som dos carros a passarem também não ajudava. Mas depressa me habituaria. A cabeça acaba por se adaptar àquele ruído monótono e repetitivo. Além de que era uma questão de tempo até já não se ouvirem carros, durante a madrugada, voltando o barulho pela manhã. Manhãs essas em que acordávamos e íamos fazer a nossa higiene pessoal, dentro do possível, nas casas de banho públicas da Gare do Oriente. O que também era complicado, pois estariam lá mais sem-abrigo como nós. E se houvesse ajuntamentos de sem-abrigo nas casas de banho, haveria problemas com a segurança da Gare.

A higiene pessoal preocupava-me. Não queria ter mau aspeto nem cheirar mal. Lembro-me de, na terceira noite no viaduto, enquanto nos deitávamos, abordar delicadamente o Zé sobre esse assunto. O banho. Onde iríamos tomar banho. Ele disse que, no dia seguinte, logo veríamos. Insisti. E ele perguntou: “Já cheiras mal?” Respondi que sim e que não me sentia bem. Já não tomava banho há cinco dias. Enquanto se preparava para dormir, ele respondeu: “Eu já não tomo há mais tempo. Estou pior do que tu.” Repliquei, desviando o olhar: “Eu sei.” Ele olhou para mim e tentou sorrir com a minha resposta como fazia sempre. Mas não sorriu. Virou-se para o lado da parede, dizendo um seco “até amanhã”. Desejei-lhe boa noite também.

Eu já cheirava um pouco mal, a transpiração e não só. Passara cinco dias a andar pelas ruas, em pleno mês de agosto. E ele estava efetivamente pior. Nas casas de banho públicas da Gare, só fazíamos, como é óbvio, a higiene das partes do corpo à vista: cara, pescoço, braços e mãos. E, no cubículo onde fazíamos as nossas necessidades, a higiene era apenas com papel. Sentia um desconforto enorme e estava preocupado. No dia seguinte, teria de mudar de *boxers* e de meias, pois tinha algumas peças na mala, mas... como faria a higiene?

Tentei dormir e não conseguia. Aliás, pouco dormia. De repente, como que adivinhando os meus pensamentos, o Zé disse: “Amanhã, vamos aos

bombeiros, tomar banho e lavar a roupa.” Eu desconhecia que se podia tomar banho nos quartéis de bombeiros. Ele disse-me que não existe um posto de bombeiros aberto para esse fim, mas que eles facilitam banhos pessoais para quem precisa, se falarmos com as pessoas certas. E acrescentou que gostava mais de ir aos bombeiros do que estar nas filas dos balneários públicos. Quanto à lavagem da roupa, teríamos de “fazer” umas moedas para irmos às máquinas automáticas.

Aproveitei essa deixa para lhe dizer que me sentia um pouco mal por não conseguir tanto dinheiro como ele, no nosso dia a dia a pedir na Gare. E ele aproveitou para me dizer: “Ouve, Jorge, tu aqui, mais tarde ou mais cedo, vais acabar por perder as peneiras. Por isso, segue o meu conselho e tenta perdê-las já. Dás muito valor ao gesto de pedir. Não penses em nada quando pedes. Dirige-te à pessoa e pede apenas. Já sabes que o ‘não’ é garantido. Preocupa-te apenas com aqueles que te dão umas moedas e não vás com muita conversa. Arranja tipo um refrão. ‘Tás a ver?’” Sorri ao ouvir o termo “refrão”.

E ele continuou: “Eu acho que tu deverias ir arrumar carros.” Perguntei porquê. O Zé respondeu que fazia mais o meu género. “E qual é o meu género?”, quis eu saber. Ele olhou-me, a sorrir, e respondeu: “És um gajo bem-educado e tens boa pinta. Isso é bom para arrumar carros.” A ideia agradou-me. E onde iria arrumar carros? “Isso tem de ser mais longe daqui”, respondeu ele, e acrescentou: “Tens pinta de paneleiro. Isso ajuda.”

Essa noite acabou com o Zé a levar com a mochila na cabeça e a rirmo-nos à gargalhada. Porque, podem não acreditar, existiam sempre uns minutos diários de boa disposição entre dois homens que partilham vinte e quatro horas a sofrer na miséria.

**HÁ PROSTITUIÇÃO ORGANIZADA  
NAS CASAS DE BANHO DA GARE DO  
ORIENTE.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**H**avia já duas semanas que eu vivia na rua. Pensei nisso quando acordei mais uma vez encostado à parede do viaduto. Viver? Bom, o termo correto seria “sobreviver”. Sobreviver dia a dia, hora a hora, minuto a minuto...

Um sem-abrigo não tem nada de seu. Apenas os seus pertences, aquilo que transporta consigo e o que, eventualmente, possa ter guardado no sítio onde passa a noite. E, como é óbvio, tudo o que tem guardado debaixo de um viaduto ou de uma ponte, debaixo de um colchão ou numa mala ou num saco, pode desaparecer durante o dia.

Os sítios onde os sem-abrigo tentam organizar-se e fazer os seus “cantinhos” pessoais estão sempre sujeitos a vandalismo e a que alguém roube tudo o que lá está. Roubar... O termo não será bem este. Já diz o célebre chavão que achado não é roubado. As coisas simplesmente desaparecem. Por muito bem escondidas que estejam, em sítios cuidadosamente escolhidos, aquilo que nos pertence está na via pública.

Estes nossos “cantinhos” podem até ser removidos ou limpos. Podem ser considerados lixeiras pelas autoridades na matéria. E vamos queixar-nos de quê e a quem?

Depois, há a questão da privacidade. Ou da falta dela. Estamos permanentemente expostos aos olhos de toda a gente: quando dormimos, quando comemos, quando nos lavamos. Para os outros, talvez sejamos “poluição visual”, expressão que ouvi da boca de alguém que me deu uma moeda. Bem, o que sei é que somos, de facto, diferentes. Na vida e na sociedade. Mas é precisamente nessa diferença que estamos presos. Porque somos pessoas sem casa.

Poluição visual. De facto, o sítio onde eu dormia era uma lixeira! Comecei a pensar que teria de descobrir um melhor. Não conseguia arranjar um colchão e conhecia muitos sem-abrigo que encontravam e escolhiam locais melhores para dormir. Já falara nisso ao Zé, mas ele gostava de estar ali. Dizia que não havia confusão. E não havia. Era uma

espécie de abrigo só nosso. Podem não acreditar, mas não é fácil vivermos uns com os outros.

O mundo onde passei oito meses era uma autêntica selva. Era quase cada um por si. Por isso, normalmente, um sem-abrigo só tem um outro sem-abrigo por companhia regular. É uma questão de confiança. É um parceiro. Como disse um dia o Zé: “Para viver aqui, um não chega, três são de mais.”

Vivi num mundo onde também existem leis: as leis da rua. Quer dizer, regras a cumprir em que, afinal, não existem leis nenhuma, códigos de conduta em que a moral e a coerência deixaram de existir. Mas é evidente que, como em tudo na vida, há exceções.

Havia, e continua a haver, grupos de sem-abrigo, como já devem ter visto, em miniacampamentos junto a pontes, viadutos, prédios abandonados e estações de comboios, a viverem numa espécie de comunidade. Mas, regra geral, viver nas ruas significa cada um por si. É uma sobrevivência quase primitiva. Como dizia o Zé, irritando-me: “Morde, senão és mordido.” Por vezes, tinha dificuldade em aceitar aquela realidade.

Nessa manhã, lembro-me de que me espreguicei, massajei o corpo e fiquei a olhar para a Gare do Oriente. Aquilo era uma espécie de gueto para sem-abrigo. Era ali o “rendez-vous”, como eu lhe chamava, para todos nós. É onde estão as casas de banho, é onde vão os carros de apoio com alimentos e, por vezes, roupa, é onde estão as salas de espera para podermos carregar os telemóveis, é onde estão os cinzeiros com as beatas grandes e atraentes para fumar, é onde passam pessoas para pedirmos moedas, é onde está a rede *wi-fi* gratuita da Carris, é onde conversamos. Isto sempre sob o olhar atento dos seguranças da Gare. Sim, porque alguns sem-abrigo também roubam comida nas lojas.

Outros prostituíam-se nas casas de banho. As pessoas que usam a estação para apanharem os seus comboios não se dão conta de que existe uma espécie de prostituição organizada nas casas de banho da Gare, mas qualquer sem-abrigo que as use frequentemente se apercebe disso.

Fechando a porta do cubículo sanitário, vê-se no seu lado interior as inscrições a caneta, com números de telemóvel com os respetivos textos convidativos e até os preços. Era um mundo-cão, pensava eu. Exploração total da pobreza.

Depressa reparei, à saída das casas de banho, em homens que passeavam discretamente junto à máquina automática do café. Homens com bom aspeto e com dinheiro... E, olhando para quem saía do cubículo, mais tarde soube que existia uma meia dúzia de sem-abrigo que “fazia” assim o seu dinheiro diário.

É a triste realidade da pobreza: onde há miséria, há sempre abutres. Um submundo perigoso, ali, numa das mais prestigiadas estações ferroviárias da capital. Com o Vasco da Gama e o Parque Expo como testemunhas. Quando se fechavam as portas, existiam muitas armas brancas dentro desses cubículos.

Eu estava farto da Gare! Continuei a olhar na sua direção, pensando que tinha de sair daquele sítio. Talvez para Chelas ou para a zona dos Olivais, onde no dia anterior fôramos tomar banho ao quartel dos bombeiros e lavar e secar toda a nossa roupa.

Andámos dois dias a pedir para termos moedas suficientes para usar nas máquinas de lavar automáticas. E eu até ganhara umas boas moedas a arrumar carros, lá naquela zona, como o Zé me ensinara. Olhei para ele. Ainda dormia. Acordei-o. Ele demorava a despertar. Deixava sempre um pouco de vinho no pacote da noite anterior, para beber de manhã. Só começava a falar depois de beber. Era já notória a sua dependência alcoólica. Não ficava embriagado, mas só funcionava com bebida. Eu dizia-lhe constantemente que ele bebia muito. Uma vez, quando lhe perguntei porque é que bebia, respondeu-me: “Estás a fazer a pergunta ao contrário. A pergunta certa é porque é que não hei de beber.”

Triste resposta que eu entendia. Entendia finalmente porque é que o vinho está associado a um sem-abrigo. Primeiro, porque é barato. Quando, num dia mau, se tira as moedas do bolso, dão para quê? Para um café ou para um pacote de vinho. Eu próprio já utilizara o álcool em duas noites. Um gole ou dois de vinho era, por vezes, conforto. O único conforto. Secava as lágrimas, tirava-nos o nó de angústia que sentíamos no peito, iludia o desespero e ajudava a dormir.

E, para mim, a hora de dormir era o momento mais difícil do dia. Era a altura em que ficava a sós comigo e, quando chegava esse momento, tomava consciência de que não tinha nada. Nem sequer o conforto de um colchão. Por vezes, chorava.

Mas o Zé bebia muito. Uma noite, disse-lhe que ele tinha de parar de beber. Ele fitou-me, bebeu mais um gole, olhou em frente com uma expressão vazia e perguntou-me: “Vou parar de beber para quê? Vai mudar alguma coisa?” Mas, nessa manhã, eu acordara com uma força estranha. Virei-me para ele e disse, em voz alta e bem-disposto: “Vá! Bebe isso, vamos lavar a tromba e vamos ao pequeno-almoço.”

Estava muito otimista. A maior parte das vezes, não havia sequer uma instituição a distribuir pequenos-almoços. Só almoços, que aliás nos últimos dias tinham sido muito maus. As duas instituições que faziam a distribuição diária do almoço na Gare costumavam entregar a cada pessoa uma cuvette com uma refeição quase fria, uma carcaça, um sumo ou uma garrafa de água e uma peça de fruta. Por vezes, sopa. Mas, nos últimos dias, a comida fora muito má. O arroz vinha cru, as massas cozidas em água sem sabor nenhum, a carne também má e, às vezes, inexistente. Houve um dia até em que serviram peixe com molho azedo, devido talvez ao calor dentro dos carros. O que escapava era o pão e a peça de fruta. Por vezes, era só o que comíamos.

Tínhamos de “fazer” dinheiro para jantar, para comer qualquer coisa. O carro da noite vinha muito tarde, com duas carcaças com manteiga ou fiambre, dois pacotes pequenos de leite e mais fruta. Mas o último carro era sempre fundamental, para não sentirmos fome durante a noite.

As filas eram uma realidade nova para mim. Aliás, como poderia conhecê-la? Regra geral, estas instituições prestam serviço aos sem-abrigo, mas nas filas não havia apenas pessoas nesta condição. Era a fome que ali estava.

Todos os dias, vão para estas filas pessoas que têm casa, mas não têm comida. Durante os meses em que fui sem-abrigo, vi nelas, por esta Lisboa, gente de diversas faixas etárias e sociais, mulheres com crianças, desempregados e até pessoas que têm os seus empregos. Mas há uma coisa comum a todos os que formam estas filas: não têm uma refeição. E pode ser muito cansativo e exasperante estar à espera dos carros, pois nem sempre chegam a horas. Contudo, eu ficava ali. Para comer.

Naquela manhã, estava confiante. Não sei explicar, mas estava com fé. Sentia-me com força, com vontade para lutar. O Zé acabou de beber o vinho, olhou para mim e comentou: “Estás cheio de tusa hoje. O que se passa?” Respondi-lhe que não se passava nada. O problema estava

precisamente aí. Não se passava nada! Coloquei-lhe a mão no ombro e disse-lhe: “Zé, não se passa nada. Não acontece nada, não vês? Não acontece nada, porque nós não fazemos por isso. Temos de fazer acontecer. Vamos sair daqui, porra! Vamos sair desta estação, pá! Cheira mal aqui. Vamos embora.”

Ele fitou-me durante alguns segundos. “Ouve, tu pensas que não tive já ataques de tesão como esse?” Sorri e respondi que não queria saber. E que, se calhar, tinha mais tesão do que ele. Ele disse, com um ar sério: “Cheira mal nesta estação? E pensas o quê? Que vais encontrar um sítio mais perfumado?”

Eu não sabia, mas tinha de sair dali. Aquela estação já me causava vômitos. O que iríamos fazer naquele dia? O mesmo de sempre? Mas, na verdade, não tinha a mais pálida ideia do que iria fazer. Eu só queria sair da Gare e deixar aquele viaduto horrível. Disse, com vigor e com as lágrimas nos olhos: “Zé, vamos fazer qualquer coisa! Por favor!”

Ele tirou do bolso das calças meio cigarro, acendeu-o e tragou o fumo. Olhou para mim e disse, a sorrir: “És mesmo um chato do caralho, ó *Panda*! Vamos embora daqui.” Retorqui: “Tu também, cão com pulgas. Vamos embora.”

Pegámos em todos os nossos sacos, mochilas e coisas fundamentais. Saímos do viaduto carregados que nem dois burros. Ele caminhava sempre mais depressa. Eu andava sempre atrás dele. Até que me disse: “Vamos de autocarro?” Perguntei para onde. Ele respondeu que não fazia ideia e perguntou se eu queria andar a passear por Lisboa com a casa às costas... Disse-lhe que não havia dinheiro para o autocarro. E ele replicou: “E quem vai pagar no autocarro? Nós somos sem-abrigo, não pagamos nos autocarros!”

Fui atrás dele sem fazer mais perguntas.

**“A FOME NÃO É CALMA. A FOME  
REVOLTA.”**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

Lembro-me de que estava uma magnífica noite de verão. O dia fora muito quente, embora já estivéssemos em setembro. Eu sentara-me nas escadas da entrada da estação do metropolitano de Chelas, junto ao ISEL. Olhei para o relógio do telemóvel que ainda não fora capaz de vender, pois era muito bom e tinham-mo oferecido. Era quase meia-noite.

Começo assim esta crónica, porque me recordo que, desde que vivia nas ruas, era a primeira noite em que não estava com o Zé. Desentendêramos nessa manhã e ele disse que ia “fazer-se à vida” sozinho. Eu não disse nada, voltando-lhe as costas também. Penso que estávamos ambos a precisar do nosso espaço. As coisas não corriam bem desde que saíramos da Gare do Oriente quase um mês antes.

Corriam os meses de verão, os chamados meses de férias. Nas ruas de Lisboa, tirando os turistas, há menos gente e o movimento é menor a todos os níveis. Para uma pessoa comum, isso não é um problema, mas para um sem-abrigo significa menos pessoas nos hipermercados, nas estações, nos centros comerciais. Significa menos trânsito, com os parques de estacionamento vazios e as ruas com menos carros para estacionar. Significa menos dinheiro.

No dia anterior, tínhamos ido à Segurança Social, com grandes reservas por parte do Zé, que dizia que a Segurança Social e a Santa Casa não ajudavam ninguém. O período do meu Rendimento Social de Inserção (RSI) chegara ao fim três meses antes. Quando recebera o último pagamento, ainda não me encontrava na condição de sem-abrigo. Quis, por isso, tentar fazer a renovação, mas, para tal, teria de falar com um assistente social.

Agendaram-me uma entrevista para cerca de um mês mais tarde, pois teriam de fazer uma reavaliação da minha situação social. Reavaliação? Eu disse que não tinha casa e dormia na rua. E a resposta foi que era precisamente por isso que tinha de ser feita uma reavaliação da minha situação e ser-me atribuído um assistente social. Fiz a marcação, ficando a

aguardar resposta pelo correio ou por SMS. Disse-lhes que era melhor ser por SMS, pois, para ter acesso a correio, é preciso ter casa.

À saída, o Zé, talvez percebendo alguma coisa na minha cara, perguntou-me com a sua habitual ironia bem-disposta: “Então, já trazes o rendimento mínimo ou ’tá tudo de férias e mandaram-te foder?”

Onde estaria ele agora? O dia correria-me muito mal. Tivera uma forte dor de cabeça e não ganhara quase dinheiro nenhum. A rua onde costumava arrumar carros estivera praticamente sem movimento de manhã e, a certa altura, no início da tarde, senti-me maldisposto com o calor e com a cabeça a latejar de dor.

Deitei-me a descansar num banco público debaixo de uma varanda. Já não tinha qualquer problema em deitar-me em bancos públicos e de jardim. O banco estava à sombra e não fazia ali tanto calor. Acabei por adormecer.

Quando acordei, já era noite. Não comera nada durante todo o dia e perdera o carro de apoio com alimentos que costumava ir a Chelas. No dia anterior, também comera pouco e penso que as dores de cabeça eram resultantes disso. Sentia-me muito fraco.

Dirigi-me, então, para a entrada do metropolitano, para tentar ganhar algum dinheiro a pedir, mas havia muito pouca gente e foi complicado conseguir algumas moedas. Até que acabei por me sentar nas escadas.

Estava esfomeado. Tirei as moedas do bolso e contei-as. Tinha pouco mais de três euros. O que iria comprar para comer àquela hora? Os hipermercados já estavam fechados. O dinheiro que tinha daria para comprar algum pão. Mas nada a fazer...

Levantei-me e comecei a descer lentamente a Rua Dr. Augusto de Castro, em direção ao sítio onde eu e o Zé tínhamos as coisas e onde dormíamos agora, nas traseiras de um edifício vazio a aguardar obras, no fim da avenida. O que me incomodava era a fome. O vazio no estômago era enorme, impedindo-me de manter a serenidade.

A fome não é calma. A fome revolta... A sensação de fome depois de estar um dia ou mais sem comer, além do mal-estar físico, é acompanhada por uma angústia silenciosa, revoltada. Com dor. Porque é óbvio que não há comida à espera em lado nenhum e a fome vai continuar.

Nesta vida, não poderia descurar nada; teria sempre de estar a horas e próximo dos carros da alimentação, senão o resultado estava à vista.

Eu passava os dias a querer afastar-me daquilo de que não podia fugir. Todos os dias, pensava que o seguinte seria melhor. Mas o que acontecia era precisamente o contrário. Enquanto descia a avenida, comecei a parar junto aos contentores do lixo. Sim, contentores do lixo. Quantas vezes, no meu passado, vira gente a procurar comida nos contentores? Todos nós já vimos. E tinha dificuldade em entender como é que uma pessoa chega ao ponto de comer de um caixote do lixo.

A resposta que damos a nós próprios é surreal. É daquelas coisas que só acontecem aos outros, aos pobres e aos miseráveis. E olhamos com aquela expressão de pena, por vezes acusadora, incomodados com a situação. E até queremos ajudar. Damos uma esmola. Uma moeda ou duas. E isso, o que resolve?

Entendi esse olhar nas ruas, enquanto pedia esmola. O olhar e a atitude que tivera para com outros, no passado, era eu agora alvo deles. E aprendi uma coisa: a maior parte das pessoas que me davam uma moeda não o fazia para me ajudar. Faziam-no para se sentirem bem consigo próprias.

Afinal, o que é preciso para que uma pessoa procure comida num caixote de lixo? Basta ter fome e não ter comida. E não ter dinheiro para a comprar, não ter onde ir buscá-la e saber que a fome vai continuar. Basta viver sem nada. Basta viver no nada. E nesse nada está a fome. Nesse nada, precisamos de comer para acabar com a fome. E é nesse nada que perdemos a vergonha de mexer no lixo. Nesse lixo, pode ficar a dignidade, mas pode estar comida para matar a fome.

Senti muita vergonha a primeira vez que tive de mexer num contentor de lixo, eventualmente com alguém a olhar. Mas a vergonha passa. Não só a de procurar comida no lixo, mas a de ter de fazer diariamente outras coisas para sobreviver. A vergonha passa, dando lugar à raiva. Raiva essa que diz à dignidade perdida que, a partir de então, vale tudo, pois já não há nada a perder.

E assim ia eu a descer a avenida, à procura de comida, esfomeado. Até nesse aspeto aquela noite estava a correr mal. Não conseguia encontrar nada. Estava quase a chegar ao local onde dormíamos. E a fome era imensa. Sentei-me, derrotado, na entrada de um prédio.

Questionei-me se o Zé teria deixado alguma coisa para comer na mala dele, junto ao colchão, mas era improvável... E também se já teria chegado ou, porventura, se voltaria. Tivéramos uma troca de palavras

bastante desagradável, mas eu pensava que não era o suficiente para acabarmos com a nossa amizade. E incomodava-me o facto de estar sozinho. Não que tivesse medo, mas habituara-me à companhia dele.

Fora apenas uma discussão estúpida, devido ao cansaço óbvio da nossa condição. Troca de frustrações e partilha de palavras feias, como ouvi uma vez um outro sem-abrigo dizer em relação a uma discussão do mesmo género. Penso que se aplica bem às relações entre os sem-abrigo o ditado popular que diz que onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

Levantei-me e dirigi-me para o nosso sítio. O dia terminara e eu estava com a secreta esperança de que o Zé já lá estivesse e que tivesse comida. Eu já nada podia fazer. Nem sabia como iria adormecer com a fome que sentia. Fizéramos o “nosso canto” nas traseiras do edifício, por baixo de um taipal da construtora. Tínhamos a informação de que as obras não iriam começar tão cedo e ali estávamos relativamente bem, com os nossos pertences fora da vista da via pública. E eu já arranjava um colchão velho num ecoponto ali perto.

Quando ia a contornar o edifício, retirei o telemóvel do bolso, para ver as horas. Eram quase duas da manhã e, quando cheguei finalmente ao “canto”, fiquei pregado ao chão, estarecido com o que encontrei. O Zé não estava lá e o local fora completamente revolido, quase vandalizado. Todas as nossas roupas ou o que restava delas estavam espalhadas pelo chão. O pequeno armário que tínhamos estava partido, com os utensílios de cozinha também dispersos, e os colchões estavam fora do sítio.

Fiquei a olhar para aquele cenário, sem saber o que pensar e, nesse momento, ouvi uma voz atrás de mim, dizendo calmamente “boa noite”. Virei-me rapidamente e vi um homem a encaminhar-se para mim, sem perceber de onde ele viera. Não estava malvestido nem era certamente um sem-abrigo, mas, pela forma como ele disse “boa noite”, apercebi-me logo do perigo. O local estava deserto. Ele continuou: “Posso ver uma coisa no teu telemóvel?”

Não respondi, pois depressa percebi que iria ser agredido. Sem ter tempo para fazer o que quer que fosse, ele deu-me uma forte cabeçada. Caí de costas, magoando os cotovelos no cimento ao amparar instintivamente a queda. Fiquei tonto, incapaz de reagir. Quando tentei levantar-me, ele pôs um dos pés em cima do meu peito, mantendo-me

brutalmente pregado ao chão. Fitou-me e disse: “Pianinho, ó cota. Dá cá o telemóvel e o dinheiro.” Não me mexi.

A cabeçada fora violenta, eu caíra mal e ele mantinha todo o seu peso sobre mim, com o pé no meu peito, magoando-me. O homem não teria mais de trinta anos e era enorme. Mas, num acesso de raiva, agarrei-lhe a perna com as duas mãos para tentar fazê-lo cair. Ele depressa se livrou da minha investida, afastando-se com ligeireza. Virei-me rapidamente de barriga para baixo, para me levantar. E ao tentar fazê-lo, levei um pontapé no estômago e outro no peito.

Fiquei no chão, derrotado, paralisado com dores. Disse-lhe amargamente e com as lágrimas nos olhos: “Não tenho dinheiro, leva a merda do telemóvel e deixa-me em paz.”

Ele baixou-se rapidamente e tirou-me o telemóvel do bolso. De seguida, não sei de onde, sacou de uma faca e apontou-ma ao rosto. Repeti que não tinha dinheiro e ele começou a revistar-me minuciosamente. Remexeu-me na carteira e nos bolsos, encontrando as poucas moedas que eu tinha. Olhou para elas com desdém, atirou-as para cima de mim e afastou-se dizendo de novo “boa noite”.

Não consegui deixar de reagir e dei por mim a dizer-lhe para ele ganhar vergonha na cara, pois eu tinha idade para ser pai dele. Ele olhou-me e disse com a mesma calma: “Tens idade pra ser meu pai, mas não és.” E foi-se embora.

Fiquei imóvel no chão de cimento. A olhar para o céu. Tinha o corpo dorido e ainda estava tonto. Mas a maior dor era cá dentro. Senti-me só. Perdido. Lembro-me de que permaneci ali estendido, fitando o céu e questionando-me se Deus estaria lá a olhar para mim. Não sabia. Queria chorar, mas não conseguia. Senti que estava morto. Não fisicamente.

Sentia uma coisa inexplicável que estaria algures morta dentro de mim. Fiquei assim, no chão. Não sei precisar durante quanto tempo, talvez uma hora. Mas finalmente algo aconteceu. Porque comecei a chorar. Consegui chorar. E levantei-me do chão, a pensar: “Amanhã é outro dia.”

**“SE TE APANHAREM, METE O QUE  
ROUBASTE EM CIMA DO BALCÃO,  
DIZ QUE ÉS SEM-ABRIGO E QUE  
ROUBAS PARA COMER.”**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

O rio Tejo estava lindíssimo naquele final de tarde de outubro. Sempre gostei de contemplar o Tejo. Sempre gostei de deambular pelas docas de Lisboa, junto aos seus bairros antigos. Sempre amei, Lisboa. Cidade encantadora, histórica e romântica, onde nasci e sempre vivi.

Mas, agora, as suas ruas tinham-se tornado para mim cansativas e melancólicas, pois era aí que tinha de estar constantemente, sem ter casa. Sem ter um sítio para dormir como toda a gente, um sítio para mim. Para estar, para ser eu. Para dormir em paz, estar a salvo do perigo e para me lavar com privacidade, em vez de me lavar nas casas de banho públicas espalhadas pela cidade. Que saudades sentia eu da minha casa de banho.

Pode parecer ridículo começar uma crónica falando da falta de uma casa de banho. Mas, durante o tempo que fui sem-abrigo, era uma das coisas que mais me fazia falta. Quando alguém escreve sobre dignidade, decerto não escreve sobre casas de banho. Mas eu escrevo. Ninguém se sente digno sem higiene. E é preciso não ter acesso a ela para sentir isso na pele e para perceber o que eu digo.

E ali estava eu na doca junto à Estação de Santa Apolónia, isolado, por trás do terminal de passageiros. Estava o mais afastado possível, perto do último gradeamento que separa a doca do rio, sentado no chão de pedra, para ter a máxima privacidade possível para me descalçar e cortar as unhas dos pés. Sim, porque um sem-abrigo também precisa de cortar as unhas dos pés e não vai fazê-lo junto de outras pessoas ou mesmo numa casa de banho pública. Pode parecer um pouco deselegante a forma como começo a minha crónica de hoje, a falar sobre casas de banho e unhas dos pés. Mas as minhas crónicas são sobre a realidade de um sem-abrigo, a minha realidade.

No entanto, eu olhava para o Tejo como sempre olhara. E estava lindíssimo naquele final de tarde, já com o sol a desmaiar no horizonte. Tentava aproveitar aquele momento como um instante de paz, encontrando ali a melhor parte do dia, que fora muito cansativo e já com o frio do inverno a chegar. Passara-o quase todo a arrumar carros ali perto,

junto ao Terreiro do Paço, fazendo um intervalo para ir almoçar ao carro de apoio ao Cais do Sodré. É muito esgotante arrumar carros. As pessoas pensam que não, mas é. Estamos sempre de pé, a maior parte do tempo à espera de que chegue um carro, caminhando de um lado para o outro, percorrendo vezes sem conta a rua ou a área.

Mas lembro-me de que não fora um dia mau. O almoço tinha sido feijoada. Basicamente feijão, poucos enchidos e quase nenhuma carne na cuvete, mas estava boa, bem temperada. E “fizera” cerca de sete euros nesse dia. Calcei-me e acendi um cigarro, dos poucos que pedira durante o dia. Continuei a olhar o Tejo, admirando o horizonte. Sentia-me um homem completamente diferente. Quase três meses a viver nas ruas que me pareciam já uma eternidade.

Três meses é muito pouco tempo na vida de uma pessoa, mas isso será em condições normais. Para quem vive na rua, é muito tempo. É uma espécie de efeito de estufa em total liberdade, que, na verdade, é condicionada porque eu me sentia preso na rua sem poder sair dela. O conceito de liberdade de um sem-abrigo é muito diferente do de uma pessoa comum. Mas nós também somos pessoas comuns e o problema reside aí. Temos de viver como ninguém vive, mas como não é suposto viver assim e nós vivemos misturados com as outras pessoas, passamos a ser um problema social.

Sentia-me mais maduro. Mas que maturidade era aquela? Crescer a sofrer? Evoluir com raiva? Ganhar experiência com medo? Aprender a lidar com o perigo nas ruas e com os criminosos que nos cercam? Comer sem ter dinheiro para comprar alimentos? Em pouco tempo, tornara-me num homem mais frio, mais insensível. No entanto, mais atento a tudo o que me rodeava. Estava a crescer como homem num mundo onde chorar é perigoso, pois é sinal de fraqueza. E mostrar fraqueza nas ruas é o pior que podemos fazer se quisermos sobreviver.

Por exemplo, só o Zé soube do episódio em que fui agredido e assaltado no local onde ambos dormíamos. Assim que ele lá chegou, contei-lhe o que acontecera. Foi ele próprio que me disse para não contar a mais ninguém. Perguntei porquê. Ele respondeu que “não era bom para o nosso *curriculum*”. Insisti, manifestando incompreensão, e ele concluiu: “Aqui, procura-se foder quem costuma ser fodido.” Mostrei desprezo por aquela

conclusão, pois pensava que seria suposto ajudarmo-nos uns aos outros, e não o contrário.

Ele repetiu o que costumava dizer-me: “Jorge, tens de aprender a andar aqui.” Nesse dia, cansei-me de ouvir aquilo. Fitei-o e respondi-lhe: “Não, eu não quero aprender a andar aqui. Eu quero aprender é a sair daqui!” Ele riu-se à gargalhada, fingindo-se divertido, como era costume, e comentou: “É isso mesmo! Ah, grande *Panda*!” Eu detestava aquela alcunha, mas permitia que ele me tratasse assim. Conhecendo o Zé como o conhecia, era uma demonstração de respeito e amizade. Aliás, ele não punha alcunhas a ninguém.

Era precisamente ele que chegava à doca junto a Santa Apolónia, pois combináramos encontrar-nos por ali. “Então? Já fizeste a manicure?”, gracejou ele. Respondi que sim, perguntando como lhe correria o dia. Parecia não ter sido grande coisa. Trazia o habitual pacote de vinho na mão, o que era sinal de que só conseguira arranjar dinheiro para o vinho; caso contrário, traria tudo na mochila. Era uma forma masoquista de me dizer que só “fizera” dinheiro para vinho e pouco mais. “Uma merda!”, respondeu. “Vamos tratar da janta que vai cair uma carga de água. Temos de mudar de sítio.”

Olhei para o céu e estava de facto a ficar muito nublado. Dormir com chuva era um problema. Duas noites antes, já dormíramos com uma chuva irritante, das primeiras de outubro e a minha primeira desde que dormia na rua. Conseguimos abrigar-nos debaixo das arcadas de um edifício e passámos a noite relativamente bem. Mas, antes de adormecer e enquanto fechava o saco-cama, ele olhou para mim e disse-me, um pouco preocupado: “Temos de arranjar um sítio para o inverno, Jorge. Isto são apenas uns pinguinhos e o frio ainda não chegou. Isto não é nada.” Eu ainda não pensara nisso.

Sugeri que esperássemos pelos carros da noite no Largo da Estação de Santa Apolónia e que, com os sete euros que eu tinha, poderíamos comprar qualquer coisa no supermercado da estação. Ele disse que os carros chegariam tarde, que ia chover e tínhamos de ir mais cedo tratar da dormida. E deu uma ideia: “Ó *Panda*, porque não compras uma onça de tabaco prá gente? Olha que isto hoje vai ‘tar mau para pedir tabaco e as beatas vão estar molhadas. Eu faço umas compras no supermercado.” A

nossa vida era assim. Ou tínhamos dinheiro para comida, ou para tabaco. Nunca para as duas coisas.

Nessa noite, as compras foram roubadas. Nunca fui nem sou ladrão. Mas, enquanto fui sem-abrigo, roubei comida e não tenho problemas em dizê-lo. Tinha fome. A escala dos valores éticos e morais de um sem-abrigo é muito diferente, acreditem. Durante esse período, fiz coisas de que não me orgulho, mas que tiveram de ser feitas. Aceitei a sugestão. Até porque era muito difícil eu deixar de fumar. Um cigarro era, por vezes, o único conforto que tinha. Fumei muitas beatas, podem estar certos disso.

Outros, como o Zé, usam o vinho como anestesia. E confesso que até eu o usei em algumas ocasiões. O vinho pode secar as lágrimas e ajuda a dormir. Disse-lhe então que ia com ele. Eu compraria um saco de pão e ele “encarregar-se-ia do resto”, pois o supermercado em questão era muito pequeno e só tinha um segurança. É sempre um risco roubar num estabelecimento. Podemos ser vistos ou apanhados à saída nas caixas, pois nunca sabemos quais os produtos que farão soar o alarme.

Sabemos que, regra geral, os produtos embalados são os mais arriscados nesse aspeto. E precisamos de ter cuidado com as câmaras de vigilância e com quem nos observa. Por isso, vamos criando técnicas e aprendendo uns com os outros. Não somos bandidos. Temos fome e, de facto, alguns de nós roubam em supermercados. Mas o que somos ou não, isso fica ao critério de quem nos vê e de quem nos julga.

Depois de eu comprar uma onça de tabaco na tabacaria, combinámos cá fora o que iríamos “trazer” do supermercado, pois não podemos perder tempo lá dentro. Quem vai comprar um saco de pão não se demora muito e não podemos dar nas vistas. Nessa noite, decidimos trazer queijo flamengo, fiambre ou talvez um chouriço, produtos estes que podem fazer soar o alarme. Mas como o Zé me dissera logo no início, é a embalagem, e não o produto, que aciona o sistema.

Quando entrámos, dirigi-me às prateleiras do pão. Havia ainda bastante variedade, o que me dava tempo para fingir escolher, dando-lhe também tempo a ele. Enquanto fingia escolher o pão, observava o Zé. Vi-o a tirar rapidamente do bolso o seu corta-unhas e, quando passou pelo expositor do queijo, rasgou com a ponta a película plástica de uma embalagem de queijo flamengo, seguindo o seu caminho para a charcutaria. Convém fazer as coisas em andamento, pois quem eventualmente observa as

imagens das câmaras está mais atento às pessoas que estão paradas, dica de um sem-abrigo que, no passado, fora segurança num centro comercial.

Vi o Zé a regressar e, passando de novo pelo expositor do queijo, retirou habilmente da embalagem todas as fatias e colocou-as no bolso de trás dos *jeans*, como quem guarda uma carteira. Fez-me sinal e dirigimo-nos para a caixa. Assim que pousei o saco do pão no balcão da caixa para pagar, o Zé começou de imediato a falar com a empregada, dirigindo-lhe os “piropos sexy” habituais. Todas as empregadas querem livrar-se depressa de clientes assim, ainda por cima com o aspeto de sem-abrigo. “90 cêntimos”, pediu-me ela rapidamente. Paguei, agradei e saímos do estabelecimento.

Assim que abandonámos a estação, pedi-lhe o queijo. Iria lavá-lo no chafariz, pois nem queria imaginar como seria o interior do bolso de trás dos *jeans* do Zé. Ele deu-me as fatias e, logo a seguir, abriu a braguilha, tirando para fora um chouriço de Seia e dizendo com gosto: “Isto hoje é à patrão!” Não consegui deixar de sorrir e comentei que, um dia, seríamos apanhados. Ele olhou para mim e disse, sério: “Se isso acontecer, não te ponhas com música. Mete o que roubaste em cima do balcão, dizes que és sem-abrigo e que roubas para comer.” “Ou seja, a verdade”, repliquei. Ele continuou: “Sim. O que te pode acontecer? Olha, o Chico, quando foi apanhado, teve de ir à esquadra, jantou e dormiu lá, ’tás a ver? Não é assim tão mau. A gente, pra sermos bem tratados, temos de ir presos.”

Fiquei a olhar para ele, não percebendo muito bem se estaria a falar a sério ou a brincar. Mas o Zé, julgo eu, já estava numa fase em que as duas coisas se fundiam. E depressa pensei para comigo que era naquele tipo de pessoa que estava a tornar-me. E de repente, desatou a chover. E que chuva! Quase torrencial! Corremos que nem loucos novamente em direção à estação. Já era tarde para irmos buscar as nossas coisas, para mudarmos de sítio. Disse ao Zé: “Vai ficar tudo molhado.”

Deixáramos as nossas malas e os nossos colchões dentro de um edifício em obras, em Marvila, sem telhado. O Zé encolheu os ombros. Abriu os olhos, satisfeito, e disse, a sorrir: “Esquece isso agora. Vamos jantar. Temos pão, queijo, chouriço de Seia e, *tcharam!* tenho mais um pacote de vinho na mochila.” Sorri e acrescentei: “E eu comprei tabaco!” Dirigimo-nos para um dos bancos públicos da estação. Conseguem imaginar-nos? Claro que sim! Quem não viu já dois sem-abrigo sentados num banco

público, a comer com as mãos, a beber vinho de um pacote e a dizer disparates?

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**EU, DANTES, GOSTAVA DE OUVIR O  
SOM DA CHUVA LÁ FORA. AGORA,  
DORMIA ONDE A CHUVA CAI  
IMPIEDOSAMENTE.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

A chuva não dava tréguas. Chovia bem há uma meia hora e cada vez mais. Eu olhava para a chuva a cair violentamente no asfalto ao nível dos meus olhos. Tentei aconchegar-me melhor dentro do saco-cama e apertei o fecho todo, até ao rosto. Ajeitei debaixo da cabeça a minha mochila, tentando ficar o mais confortável possível. O tempo estava horrível.

Dezembro estava à porta com o seu frio característico e, nessa noite, com uma chuva quase torrencial. Já passava da meia-noite e estava deitado debaixo das arcadas do edifício do Museu Militar de Lisboa. Ao meu lado estava também o Zé e mais três sem-abrigo: um homem já idoso, a quem chamávamos Avô, e o Rui e a Sara, um casal na casa dos trinta anos. Costumávamos ir todos aos carros de apoio e fugíramos para ali, para nos abrigarmos da chuva e, depois, passar a noite.

Estávamos os cinco encostados à parede para não apanharmos chuva, enrolados nos sacos-cama e cobertores, próximos uns dos outros. Eu tinha por baixo do meu corpo uma manta já velha, apenas para tentar isolar-me do chão de pedra gelado. O saco-cama é que me protegia do frio.

O Zé e eu andáramos o dia todo com “a casa às costas”, à procura de um sítio para dormir, pois tinham começado as obras no prédio antigo em Chelas onde pernoitávamos. Ficámos ali cerca de quinze dias. E não estávamos mal, pois pelo menos tínhamos um teto. Mas, naquele dia, os carros da construtora começaram a chegar e não havia alternativa senão abandonar o local.

Fomos à noite ao Largo da Estação de Santa Apolónia buscar a comida aos carros de apoio e por lá ficámos a jantar num banco público, junto à praça de táxis. Estivemos ali um pouco até que começou a chover. Corremos para o Museu Militar, onde já estavam o Rui, a Sara e o Avô. Eram os três de relativa confiança, tínhamos todos uma boa relação, pelo que o Zé e eu não hesitámos em pernoitar com eles.

A chuva metia respeito. Eu via-a cair na estrada, ao nível dos meus olhos, repicando com violência no asfalto e no princípio do chão de pedra

à entrada das arcadas. Um lençol de água corria já junto ao passeio, em direção ao largo. Dei por mim a pensar que, por mais que uma rua fosse plana, a água corria sempre para um dos lados.

Eu, dantes, gostava de ouvir o som da chuva. Claro, no conforto do meu quarto e ela a cair lá fora... Agora? Agora, dormia ao nível de onde a chuva batia impiedosamente e exposto ao frio. Fechei os olhos e tentei dormir, mas o barulho da chuva e do vento simplesmente não me deixavam. Para quem dorme na rua, o ruído da chuva desassossega, impõe respeito, mesmo que estejamos abrigados. Existe uma sensação similar ao medo. É muito difícil adormecer e o frio e o vento não ajudam.

E o desconforto? Nessa noite, o desconforto era enorme. A chuva era muito forte e, embora estivéssemos a cerca de três metros do início das arcadas, os pingos repicavam violentamente no passeio e, por vezes, atingiam-nos com a força do vento. Sentia ocasionalmente as gotas a baterem no meu saco-cama.

De súbito, ouvi ribombar dois trovões. Abri os olhos e estremeci. Ouvi o Avô murmurar ao meu lado: “Foda-se.” Ouvi também o Zé a murmurar algo. Olhei para ele e vi-o a tirar o pacote de vinho de trás da mala. Bebeu dois ou três tragos, arrumou-o de novo e enfiou a cabeça dentro do saco-cama. Ouvi a Sara tossir, agoniada. Olhei para ela de soslaio e vi o Rui a aconchegá-la. Eles estavam deitados em cima de caixotes de cartão abertos e ambos tapados com dois cobertores. O Avô mantinha-se tão aconchegado quanto possível dentro da sua manta grossa. Mas, pelos vistos, ninguém dormia.

Como era possível dormir com um tempo daqueles? Fechei novamente os olhos. Que mais poderia fazer? Ouvia a chuva a cair com violência. Tentava permanecer imóvel, para o corpo se habituar à dureza do chão, pois quanto mais nos mexemos, pior é para dormir. E sentia-me muito desconfortável. Estava completamente vestido dentro do saco-cama, mas não tinha outra hipótese, pois o frio era imenso. Tentei “pôr a minha cabeça em branco”, como costumava dizer. Procurar não pensar em nada... Mas é muito difícil fazê-lo quando se dorme ao relento, com frio, vento e chuva.

Mas eu tentava. Até que ouvi a voz do Zé: “Queres vinho, Jorge?” Perguntei-lhe como é que sabia que eu estava acordado. “Já te conheço até quando ‘tás calado,” respondeu ele. “Queres ou não?” Não me apetecia

beber vinho, mas a minha resposta foi imediata e resumiu-se a duas palavras: “Dá cá!” Pior não poderia ficar. Bebi dois ou três bons goles e devolvi-lhe o pacote. O Avô meteu a cabeça de fora da manta e perguntou: “Dá pra molhar o bico?” Olhei para o Zé, que me entregou o pacote para eu passar ao Avô, dizendo: “Ó ‘vô, olha que o vinho custa dinheiro!”

Nas ruas, tudo tem um valor. Desde roupa a comida e, regra geral, não se oferece nada. Existe permuta. E quem tem bebida ou cigarros é como se tivesse ouro. Comigo e com o Zé, não existia esse tipo de atitude. Éramos, chamemos-lhe assim, parceiros. O que era meu, ou dele, era nosso. Quando um não tinha, o outro tinha para os dois. “Sabes que comigo não ficas a perder, Zé!”, respondeu o Avô, bebendo um gole de vinho. “Podes acabar com o pacote”, rematou o Zé.

A chuva começou a aliviar. Passados uns minutos, finalmente parou. Abri o saco-cama e levantei-me, para desentorpecer um pouco. Ao erguer-me, uma pontada na zona lombar paralisou-me por segundos, fazendo-me soltar um pequeno gemido de dor. Estar muito tempo deitado no chão fazia-me aquilo, contraturas musculares. Quando me endireitei, já o Zé estava também de pé. De súbito, vimos a Sara a caminhar rapidamente para o passeio. Colocando-se atrás de uma das colunas das arcadas, começou a vomitar. O Rui correu atrás dela. Eles estavam ligeiramente afastados de nós os três, para terem alguma privacidade.

Observávamos a cena, quando o Avô nos disse baixinho: “A miúda emprenhou. Passa a vida a vomitar.” Perguntei-lhe como é que ele sabia e ele respondeu que o Rui lhe contara. O Zé soltou um pequeno assobio, dizendo: “Lindo serviço.” Olhei em redor. A estrada e o passeio estavam alagados. Ficámos a salvo da chuva, mas as malas e os sacos-cama estavam salpicados. Massagei a zona lombar. Há quatro meses que dormia no chão, mas ainda não conseguira habituar-me.

O Zé olhou para mim e lembrou-me de que os nossos colchões tinham ficado no edifício em obras, em Chelas. Encarei-o e disse, vivamente: “Ora! Perdemos uma grande coisa. Já cheiravam mal!” Ele replicou com um tom afetado, mas lógico: “O meu já cheirava mal quando mo deram...” Metendo-se na conversa, o Avô disse que, nas ruas, os nossos colchões ganham ácaros. O Zé franziu ligeiramente o sobrolho e perguntou o que eram “áracos”.

No meio daquele mal-estar, não consegui deixar de esboçar um sorriso perante a ignorância do Zé. O Avô explicou: “São uma espécie de chatos que se criam nos colchões.” O Zé ficou com uma expressão desconfiada. Eu sorri ainda mais com a resposta do Avô e com a cara do Zé. Podem não acreditar, mas eram, por vezes, estes pequenos momentos, estas “conversas de parvos após o pôr do sol”, como um outro sem-abrigo lhes chamava, que me distraíam um pouco e me faziam escapar um pouco da realidade.

Entretanto, a Sara já se deitara e o Rui veio ter connosco. Perguntou-nos se tínhamos água para ela. Eu tinha na mala uma garrafa meio cheia. Fui buscá-la e lembrei-me de que tinha duas saquetas de chá na mochila e que isso lhe faria bem. Mas, como é lógico, acrescentei que não havia forma de aquecer água àquela hora. Entreolhámo-nos. De repente, e olhando para a praça de táxis em frente à estação, o Rui disse: “Espera. Alguns ‘fogareiros’ têm aquelas resistências para aquecer água, que se ligam à bateria.” Foi buscar um copo à mala dele e dirigiu-se à praça de táxis. Estavam lá três carros. Perguntei ao Rui se tinha tabaco. Ele respondeu que sim, beatas que apanhara durante o dia, mas que não tinha mortalhas.

Era nosso costume tirar o tabaco de dentro das beatas e enrolá-lo em mortalhas, caso as houvesse. Por acaso, eu tinha algumas nessa noite. Sentámo-nos em cima dos sacos, a enrolar os cigarros, quando passou lentamente um carro da Polícia Municipal, abrandando a marcha e parando à nossa frente. O agente que ia ao volante baixou o vidro e perguntou monocordicamente se estava tudo bem por ali. Respondemos que sim. O que seria suposto responder? Nós queríamos era estar sossegados.

O agente disse para fazermos o possível por abandonar cedo aquele local, pois estávamos em frente à porta de um museu. “A entrada é do outro lado, sôr guarda”, replicou o Zé. O agente olhou-o de soslaio e disse: “Abandonem o local cedo. Estamos a tentar ajudá-vos. Se quiséssemos, poderíamos dizer-vos para saírem imediatamente daí.” Ouvi um murmúrio do Avô, que permanecia deitado: “Que simpáticos...” O Zé retorquiu logo, com voz de garoto atrevido: “’teja descansado, sôr guarda! Já pus o despertador para as sete!” O agente fitou-o com cara de poucos amigos. Eu sussurrei: “Zé...” Ele baixou a cabeça e continuou a enrolar o

cigarro. O agente desejou-nos uma boa noite e o carro afastou-se em direção à estação.

Nisto, chegou o Rui com o copo com água a ferver. “O que é que queria a bófia?”, perguntou ele. Virando-se para a parede, o Avô respondeu: “O costume. Queriam saber se temos licença para respirar.” O Rui encolheu os ombros e dei-lhe as saquetas de chá. Desejou-nos boa noite e foi para junto da Sara. Eu e o Zé acabámos de fumar e metemo-nos dentro dos sacos-cama. Quando já estávamos deitados, disse aos dois que, no dia seguinte, deveríamos tentar arranjar lugar no Albergue de Xabregas, um centro temporário de alojamento para sem-abrigo. A resposta do Zé foi imediata e não me surpreendeu: “Isso, vais sem mim, ó *Panda*.”

Já lhe falara algumas vezes no albergue, mas ele dizia que, por experiência própria, não voltaria a lá ficar. Mas lembrei-me de que o Avô estava ao meu lado e perguntei-lhe o que ele achava ou sabia sobre o albergue. A resposta dele foi rápida e concisa: “Estive lá uma semana e nunca mais lá volto. E fiquei lá esse tempo todo, porque tinha um pé torcido.” Era este tipo de respostas sobre o albergue que eu ouvia diariamente da boca dos sem-abrigo. Fechei os olhos, pensando para comigo que não poderia ser assim tão mau. E decidi, sem lhes dizer, que iria lá sozinho. Estava farto de dormir na rua.

Ficámos em silêncio para adormecer. Mas eu não dormia. Enroscado no saco-cama completamente fechado por causa do frio, de olhos cerrados, ouvia o vento e o barulho longínquo de um carro ou outro a passar. Uma voz ou outra ao longe... Conhecem aquelas gravações que existem para ajudar a adormecer? Sons da natureza, dos oceanos, sons urbanos e por aí fora? Existem umas com os sons das ruas. Precisamente com o som que eu estava a ouvir. Mas uma coisa vos digo: ajudam a adormecer quem está a ouvir a gravação numa cama macia e quente, e num quarto confortável. Porque para quem dormia como eu e que “fazia parte da gravação”, o som é angustiante e horrível.

Pensava em conforto. Sonhava com um quarto. Imaginava uma casa de banho. Tinha saudades de lavar roupa. De estar sentado apenas comigo, a descansar. Sorria ao sonhar em andar na rua novamente de cabeça erguida, com os vizinhos a darem-me os bons-dias... Sabem, os sonhos das pessoas que foram como eu são pequenos. Não sonhava com carros, televisões, contas bancárias, férias, bons empregos, habitações,

telemóveis, namoradas e por aí fora. Não sonhava sequer com amor! Sonhava apenas com coisas “pequenininhas”. Sonhava com aquilo que nunca ninguém sonha, pois não é preciso sonhar.

Ouvi novamente o Zé: “Ó *Panda*, tenho mais um pacote de vinho refundido. Queres um coche?” Perguntei novamente, já quase irritado, como é que ele sabia que eu estava acordado. Ele demorou alguns segundos a responder e, depois, disse calmamente: “Tu gemes quando dormes...”.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**OS SEM-ABRIGO APRENDEM A NÃO  
CHORAR. NA RUA, QUEM É FRACO  
NÃO SOBREVIVE.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**S**empre gostei da Rua Morais Soares. Nasci e cresci ali ao lado, no Bairro da Penha de França. Sempre adorei aquela rua. Quem a conhece sabe do que falo. Sempre movimentada devido ao comércio, sempre viva, alegre, iluminada e com carisma...

Milhares de pessoas percorriam diariamente a Rua Morais Soares em ambos os sentidos, dentro da sua azáfama característica. E dezembro chegara. E, com dezembro, chega o Natal, embelezando ainda a mais a rua, com os seus arcos de enfeites luminosos desde a Praça do Chile até ao Alto de São João.

Quando anoitece, a Rua Morais Soares é um dos ex-líbris da nossa cidade. Faltavam poucos dias para o dia 25; estávamos a 20 para ser mais exato. Quantas vezes no passado, por esta altura do ano, subira aquela rua, para comprar as prendas, o bolo-rei, o “meu cabrito assado favorito”, pois não gostava de peru, e terminar alegremente junto à Praça Paiva Couceiro, para beber uma ginjinha numa célebre tasquinha que lá havia...

Era com estes pensamentos que subia agora a Rua Morais Soares, quase me arrastando, nostálgico... Uma nostalgia acompanhada de um sentimento de dor. Mas acreditem que subia a rua como sempre subira desde criança, olhando para os arcos enfeitados e luminosos, sentindo o cheiro do Natal, passando pelas pessoas a entrarem e saírem alegremente das lojas.

Sabem, quando se é um sem-abrigo a vaguear por essas ruas e a viver na miséria, conseguimos ver mais facilmente a alegria nos rostos alheios, mas, nessa noite, eu tentava afastar esses pensamentos. Dormia na rua, sim. Vivia na miséria. Mas o meu espírito natalício de garoto esperando a prenda dentro do sapato permanecia ingenuamente dentro de mim.

Parei à porta de uma loja onde, muitos anos antes, o meu pai me levara pela mão, para escolher uma pista de carros elétrica, prometendo-me falar de mim ao Pai Natal. Agora, era uma loja de conveniência. Que idade teria? Seis ou sete anos. De súbito, sussurrei para mim próprio um palavrão e decidi pôr cobro às possíveis lágrimas que pudessem sair-me

dos olhos. Fazia isso já muito habilmente. Viver na rua ensinou-me a não chorar.

Os sem-abrigo aprendem a não chorar. Entre nós, chorar é um sinal de fraqueza e, nas ruas, quem é fraco não sobrevive. Alguma vez viram um sem-abrigo a chorar na rua? Provavelmente, nunca.

Além do mais, eu tinha ido à Rua Morais Soares com um objetivo: comprar um blusão, pois andara quase quinze dias a arrumar carros e a pedir moedas para o comprar, a poupar dinheiro cortando por vezes na comida e apanhando muitas beatas de cigarros. O blusão que usava já estava roto e coçado, e o inverno estava no seu auge. Andava por isso a “namorar” um blusão, numa lojinha barata ali na rua. Finalmente, tinha a nota de vinte euros para o comprar.

Durante os oito meses que vivi na rua, sempre me preocupei com o meu aspeto. Para mim, era fundamental para manter a minha dignidade, que já era muito fraca e quase inexistente. Mas fazia tudo para manter o meu bom aspeto. Tomava banho regularmente num quartel de bombeiros e nos balneários públicos. A minha preocupação era ter sempre moedas para lavar a roupa nas lavandarias automáticas. Mas lavar a roupa sai caro e era muito difícil cheirar bem.

Acham estranho isto? Ser difícil cheirar bem? Para um sem-abrigo, não é. Para quem não tem acesso regular a água, é muito difícil. Mas lembro-me de que, nesse final de tarde, tomara banho e lavara a minha roupa, que já era muito pouca. Tinha somente duas calças de ganga ainda em estado razoável, penso que três *t-shirts* já bastante usadas, um pulôver e uma camisola grossa ainda em bom estado, tipo polo. Era o que restava da roupa que trouxera do último quarto alugado onde vivera.

Viver na rua desgasta rapidamente a roupa. Vendi alguma, mas também me roubaram muita. Olhei para os meus pés: calçava uns ténis ainda em bom estado que me tinham dado nos carros de apoio uma ou duas semanas antes. Olhei de soslaio para o meu reflexo numa montra e até me senti satisfeito, pois não estava com muito mau aspeto. Ainda podia entrar numa loja. O blusão é que já estava indecente, mas bastava deitá-lo no lixo antes.

Dei por mim a pensar que, no meu passado, houvera dias em que a minha preocupação seria escolher a loja. Num passado mais recente, outros houvera em que a minha preocupação seria ter ou não dinheiro para

fazer compras numa loja. E a minha preocupação presente era se me deixariam lá entrar...

Mas ponto final! Era Natal e eu ia comprar um blusão, com uma nota de vinte euros que me dera o António do quiosque, em troca do meu “meio quilo” de moedas, como ele gracejara ao trocar o meu dinheiro. Desse “meio quilo”, ainda fiquei com cerca de dois euros, que dei ao Zé, que não quisera acompanhar-me, dizendo que não estava apresentável para ir às compras com ninguém. E de facto, não estava. Secretamente, agradeci-lhe por tomar essa decisão.

O Zé não cuidava de si como eu. Tinha mais tempo de rua. Certos valores começam a desaparecer, como podemos observar em pessoas que andam há anos na rua. Mas eu adorava o Zé. Era um excelente ser humano, que nunca impôs condições para ser meu amigo. E só eu sei o que ele me ajudou.

Apesar dos desentendimentos que por vezes tínhamos e das “birras” inevitáveis de dois homens que vivem nas ruas, ao lado um do outro, vinte e quatro horas por dia, eu e o Zé éramos bons amigos. Ao final do dia, éramos sempre o porto de abrigo um do outro.

Por fim, cheguei ao meu destino. Ainda não eram 19h00, pelo que decidi descansar um pouco, sentado no peal da porta ao lado da loja. Eu caminhava quilómetros por dia e já ultrapassara os cinquenta anos de idade. Lembro-me de pedir um cigarro a um jovem que ia a passar. Acendi-o e comecei a fumar tranquilamente, até que a minha atenção começou a centrar-se na churrasqueira um pouco mais abaixo, do outro lado da rua, ao sentir aquele cheiro característico de um bom frango assado. Decerto, conhecem esse cheiro.

Ainda não jantara, pois só mais tarde é que iria aos carros de apoio no Largo da Estação de Santa Apolónia, e almoçara mal nesse dia. Muito mal mesmo. Vezes sem conta, passava à entrada dos restaurantes, sentindo o cheiro da comida, e à porta das padarias, sentindo o cheiro do pão quente e dos bolos. Passava eu e os outros que me acompanhavam, mas depressa nos afastávamos. Sabíamos que não podíamos comer. E a nossa atitude era de simples resignação, embora sofrida. Muito sofrida. Não sei se conseguem imaginar o que é sentir o cheiro de comida deliciosa quando se passa fome.

Mas, naquele princípio de noite, senti o cheiro a invadir-me de uma forma diferente. Estava fragilizado pelo Natal e tinha vinte euros no bolso. E o cheiro era “terrível”... Era uma das melhores churrasqueiras da Moraes Soares. Aquele cheiro começou a invadir-me os sentidos. A fome aumentou e a saliva na boca também. Levantei-me de imediato. Precisava do blusão e precisava de o comprar! Fumei mais depressa o resto do cigarro, aspirando o fumo com mais força, para tentar ficar agoniado e não me sentir afetado por aquele cheiro.

Ao deitar a ponta do cigarro para o chão, lancei ainda um inevitável olhar masoquista para a montra da churrasqueira, lendo o letreiro: “Vendemos para fora.” Caramba, já não me lembrava de quando fora a última vez que comera frango assado no churrasco... Quentinho, apetitoso, tenro, com molho. E batatas fritas? Senti-me a fraquejar, não sei explicar como nem porquê. Sentia de repente a fome ser maior do que minutos antes. Voltei-me para a loja, mas não consegui entrar. Há meses que só comia comida quase fria e de fraca qualidade dos carros de apoio, acompanhada com as massas duras e insossas ou com arroz cru ou espapaçado. Se quisesse alguma coisa melhor, tinha de roubar, pois o meu dinheiro não chegava e, por vezes, nem sequer comia.

Olhei para o vidro da loja e vi o reflexo das luzes de Natal. E invadiu-me a mente um pensamento mais rápido do que uma bala: “É Natal. Vai comprar este momento, Jorge. Sacia a fome nem que seja só por esta noite! Vai comprar prazer! Vai comer a merda de meio frango assado!” E, veloz como esse pensamento, atravessei a rua, entrei na churrasqueira, dirigindo-me rapidamente ao balcão e, penso eu que sem dizer sequer boa noite ao rapaz que me atendeu, pedi: “Quero meio frango assado com batatas fritas para levar, por favor!” Lembro-me de ele me olhar com uma certa surpresa, devido à minha entrada e ao meu pedido repentino.

Mas foi com cortesia que me perguntou: “Com piripíri ou sem?” “Sem!” respondi. Ele sorriu e perguntou: “Só com o molho da casa então?” “Isso!”, respondi, feliz da vida.

O cheiro a frango no churrasco era inebriante. Minutos depois, o rapaz entregou-me o saco com as duas cuvetes, fazendo a pergunta da praxe: “Para beber, vai desejar alguma coisa?” Eu devo ter ficado com a cara de alguém a quem perguntaram se quer a companhia de uma mulher bonita ou algo parecido, porque pisquei ligeiramente o olho e, com uma “voz de

cama”, pedi uma Sagres de litro bem fresquinha! Paguei e fui automaticamente, em passo apressado, em direção ao jardim da Praça Paiva Couceiro, que eu tão bem conhecia. Que sítio melhor para se jantar?

Sentei-me num dos bancos do jardim e retirei as cuvetes do saco. Não consigo descrever aquele momento. Foi com certeza a melhor refeição da minha vida! Nunca comera com tanto prazer e com tanta satisfação, e tenho a sensação de que nunca mais vou comer assim. Não tenho vergonha de o dizer, mas gemi a comer. Escusado será dizer o que é, para uma pessoa como eu, naquela condição, um frango assado de uma das melhores churrasqueiras do bairro, com batatas fritas quentes e estaladiças.

Em poucos minutos, devorei o meio frango, ignorando os talheres de plástico. E de seguida, calmamente, comi as batatas o mais devagar que consegui, intervalando com a cerveja de litro, bebendo pelo gargalo da garrafa. Não consigo encontrar palavras para vos descrever aquela refeição. E vou continuar sem vergonha ao dizer que, após comer a última batata e beber o último gole da cerveja, dei um longo arrote e uma sonora gargalhada! Feliz Natal, Jorge! Só minutos mais tarde tomaria consciência de que continuaria vestido com um blusão que já metia nojo.

Caros leitores, há cerca de duas semanas, enviei um *email* para a *Mensagem de Lisboa*, anexando uma das crónicas mensais, como é costume. Nesse *email*, fiz um aviso à direção do jornal: disse que as minhas crónicas iriam entrar numa fase nada simpática, porque os sem-abrigo não são simpáticos.

O sem-abrigo é uma pessoa que se senta num banco de um jardim público, come meio frango assado com as mãos, arrota no fim e ainda se ri por isso, como eu o fiz na minha noite de Natal, pois até ao final desse ano não tive outra noite melhor do que essa. Um sem-abrigo é uma pessoa que pode ser avistada a cortar as unhas dos pés na via pública. Um sem-abrigo pode ofender as outras pessoas, ao tentar lavar-se numa casa de banho pública, e por isso cheira mal. Um sem-abrigo aprende a roubar nos supermercados, para comer. Um sem-abrigo incomoda as pessoas quando, numa atitude antissocial, pede esmola nas ruas.

Os sem-abrigo dormem à porta de museus, edifícios públicos da cidade, debaixo de viadutos e em prédios abandonados, para se protegerem da chuva e do frio. Alguns sem-abrigo falam sozinhos nas ruas, porque estão

a perder a sua estrutura humana e alguns a enlouquecer. Os sem-abrigo podem andar armados. Não para atacarem alguém, mas para se defenderem uns dos outros e dos criminosos e delinquentes dos quais não podem fugir, pois dormem na rua! Um sem-abrigo pode andar armado, porque durante a madrugada pode morrer por causa de um telemóvel ou de uma nota de cinco euros, porque a criminalidade e a delinquência, na maioria dos casos, nada tem que ver com os sem-abrigo. São coisas distintas. Podem é estar misturadas, como todas as espécies de animais que sobrevivem na selva. E um sem-abrigo, no meio da selva, com o tempo, pode tornar-se num animal para sobreviver. E pode ser irreversível.

A direção de a *Mensagem* não respondeu ao que eu escrevi no *email* e publicou a minha crónica. E fico feliz por isso. As minhas crónicas estão a entrar na reta final, mas ainda faltam algumas coisas que pretendo partilhar com todos aqueles que queiram ler-me. Mas sempre da mesma forma. Com sinceridade, verdade, sem reservas e tentando ser o mais fiel possível a todos os acontecimentos aqui por mim descritos.

Como disse uma vez à Catarina Reis, brilhante jornalista de a *Mensagem*, vou escrever sobre o que passei, vou relatar como se vive nas ruas, nem que caia no ridículo. Eu, felizmente, já saí das ruas. E sei o que sofri. Mas muitos ainda lá vivem! E estas crónicas são a voz de todos eles.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**“OLHA, ZÉ, JÁ TENHO UMA CASA,  
VÊS? GOSTAVA QUE ESTIVESSES  
AQUI, VIVO, MEU AMIGO.”**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

Sexta-feira, 3 de janeiro de 2020. Mais um dia na cidade de Lisboa. Abri ligeiramente os olhos. Estava um frio de rachar. Mesmo assim, conseguira dormir algumas horas. Virei-me para o lado, pois sentia as costas um pouco dormentes e coloquei-me em posição fetal por causa do frio. Com o ruído habitual, os carros já passavam em grande número na estrada. Estava nevoeiro. Tentei aconchegar-me melhor dentro do saco-cama, mas sem sucesso. O melhor seria levantar-me. Ergui-me lentamente, espreguiçando-me e massajando a zona lombar. Dobrei o saco-cama e olhei à minha volta.

O Zé parecia estar ainda a dormir e cerca de mais dez sem-abrigo também permaneciam ainda deitados, encostados ao muro do viaduto. Eu e o Zé voltáramos a pernoitar na zona da Gare do Oriente. Estávamos por baixo do viaduto onde, meses antes, dormira pela segunda vez ao relento, sozinho com ele.

Agora, existia ali uma espécie de acampamento para sem-abrigo, cuidadosamente gerido em grupo por quem pernoitava no local. Na noite anterior, o Chico até fizera uma fogueira com umas pequenas estacas de madeira que encontrara num ecoponto. Olhei para a fogueira. Apagara-se. O *Rolhas* levantou-se também e, em voz alta, desejou-me bom dia. Devolvi o cumprimento sem olhar para ele.

Como sempre, ao acordar naquele sítio, olhava para a Gare ao longe. No meu passado, gostara daquela zona, mas agora detestava-a. Porém, o Zé tinha razão. Para dormir, nada melhor do que o “Bairro do Gil”, apesar de existirem muitos outros bons sítios.

Tirei o telemóvel do bolso para ver as horas, um velhinho *Nokia 3310* que encontrara num parque de estacionamento. Dava para fazer chamadas, se carregasse o cartão, mas eu não tinha dinheiro para isso. Servia apenas como relógio de bolso. Oito horas em ponto, lembro-me bem, pois o Mário que também estava a levantar-se, perguntou-me as horas nessa altura.

O Zé também já acordara e não estava bem. Estava sentado, encostado à parede do viaduto, de braços cruzados. Eu já calculava o que se passava. Fui ter com ele e perguntei-lhe se tinha tabaco. Estava muito ansioso, pálido e com os olhos demasiadamente abertos. Descruzou lentamente os braços e, ao procurar o tabaco nos bolsos, vi as suas mãos a tremerem.

“Não tens vinho?” perguntei. Ele disse que não. Olhei em redor para o resto do pessoal e perguntei em voz alta se alguém tinha vinho. Quase todos disseram que não, exceto o *Rolhas*, que respondeu com uma pergunta: “Tens aí dois paus?” Olhei para ele e, com um tom crítico, perguntei-lhe se queria levar dois euros por um copo ou dois de vinho. Ele suspirou e replicou com um ar afetado: “Eu, não; aliás, isto aqui não é nenhuma taberna. Bebam água.” O Zé respondeu de imediato à provocação, dizendo-lhe secamente: “Por mim, podes enfiar o vinho todo no cu”; e, de seguida, disse-me que não tinha tabaco. Procurei dinheiro nos meus bolsos. Tinha apenas alguns cêntimos. Perguntei ao Zé se tinha algumas moedas. Ele abanou negativamente a cabeça.

Nisto, ouvimos o Cardoso do outro lado do muro do viaduto, a gritar: “Eh, pá, não cagues aqui!” Logo a seguir, ouvimos o Luís gritar também: “Queres que cague onde? Na estrada?” Dirigi-me apressadamente ao encontro deles. Deparei com o Cardoso a ameaçar o Luís com um punho fechado e o Luís a levantar-se, respondendo à ameaça ainda com as calças nos tornozelos. Coloquei-me rapidamente entre os dois e perguntei ao Cardoso se ia bater num homem a cagar. Realmente, cheirava muito mal ali. Olhei para trás, para o chão, e constatei que o Luís estava com diarreia.

Combináramos entre todos não fazermos ali as nossas necessidades, pois era o sítio onde dormíamos, mas era evidente que o Luís não tivera tempo de ir a outro lado. Por isso, aconselhei ao Cardoso que tivesse calma, puxando-o por um braço, e disse ao Luís para acabar de fazer o que estava a fazer.

Quando contornámos novamente o muro, deparámos com mais um problema: o Chico, enervado, perguntava alto e bom som quem lhe tirara cinco euros da mochila. E uma algaraviada de respostas fazia-se ouvir: “‘tás maluco.”; “Já ‘tás é bêbedo.”; “Aqui, ninguém te roubou nada.”; “Vai pró caralho!”; “Não dormes mais aqui.”, até que o Carmo disse, com

um tom acusador, que vira o *Rolhas* a pé, de madrugada, caminhando “de mansinho” à volta de quem dormia.

Instalou-se a confusão. O Chico desatou aos berros e foi direito ao *Rolhas*, exigindo o seu dinheiro. O *Rolhas* respondeu, indignado, que não tirara dinheiro nenhum, chamando mentiroso ao Carmo, e este respondeu-lhe insultando-o e chamando-lhe ladrão. O *Rolhas* pregou uma forte bofetada na cara do Carmo. O Chico sacou de uma pequena navalha do bolso das calças e correu em direção a ele. O Mário, vindo não sei de onde, interpelou violentamente o Chico e caíram os dois no chão.

Eu e quase todos acorremos para tentar resolver a situação. Quando tentei segurar o pulso do Chico para lhe tirar a navalha de uma mão, ele esmurrou-me com a outra. Fiquei louco de raiva! Devolvi-lhe o murro com a minha mão esquerda e dei-lhe mais dois com a mão direita. Entretanto, ouvi o Mário gritar: “‘tá aqui a naifa! Já tenho a naifa!” e, ao mesmo tempo, alguém me agarrou por trás, tirando-me de cima do Chico. Vi, depois, que fora o Zé.

Os ânimos demoraram alguns minutos a acalmar. Estávamos todos enervados. As coisas funcionam assim entre os sem-abrigo. Passamos os dias e as horas a recalcar os nossos sentimentos, a engolir as nossas frustrações e a nossa raiva... Quando há uma alteração qualquer, explodimos em demasia! Mas, por fim, lá nos acalmámos. E acabámos todos por conversar, ficando no ar a falta de explicação para o desaparecimento do dinheiro, se é que desaparecera.

Deixei de ver o Zé, depois de ele me tirar à força de cima do Chico. Olhei em redor e vi-o afastado, junto aos primeiros pilares do viaduto. Ele não estava nada bem. Despedi-me do resto do pessoal e fui ter com ele. “Temos de ir buscar vinho, não é?”, perguntei, retoricamente. Ele olhou para mim, cruzou os braços para esconder o tremor das mãos e caminhamos em direção à Gare. “Zé, tens de parar de beber”, disse eu, com um tom firme. Ele respondeu que sabia que sim, mas não sabia como.

O Zé estava já num estado em que não funcionava sem beber. Quando bebia, eu esquecia-me de que ele tinha um problema, pois não ficava embriagado. Só quando o vinho lhe faltava é que eu percebia o real problema. Ele precisava de álcool para funcionar. “Vou fazer uma cura como?”, perguntou o Zé. Olhei para ele e disse-lhe, satisfeito, que era bom

ele ter consciência de que precisava de fazer um tratamento, uma desintoxicação.

Assim que chegámos à Gare, disse ao Zé para se sentar num banco e dirigi-me apressadamente para as escadas rolantes da saída do metropolitano. Olhei em redor, não vi nenhuma segurança e comecei a pedir. É evidente que não é crime pedir esmola, mas quando ali se pede sistematicamente e sempre no mesmo local, os seguranças podem intervir. Alegam que estamos a incomodar as pessoas.

Uma hora depois, sensivelmente, com muita sorte consegui reunir dinheiro suficiente para um pacote de vinho. Comprei-o de imediato na loja de conveniência e fui ter com o Zé. Ele estava já deitado no banco. Entreguei-lhe o pacote e sentei-me ao lado dele. Ele sentou-se também, agradeceu e bebeu rapidamente uns bons goles. Lentamente, aos poucos, gole atrás de gole, foi melhorando. Era como se estivesse a tomar um medicamento.

Finalmente, olhou para mim e disse: “Nunca te vires a um gajo com uma faca, a não ser que tenhas uma.” Repliquei que não me virara a ninguém e que apenas queria separá-los. “Qual é a diferença?”, perguntou ele. Eu não quis responder. Continuei a dizer-lhe que não podia continuar a beber. Talvez pudéssemos ir ao centro de saúde marcar uma consulta, porque o alcoolismo era uma doença. Ele olhou para mim e, calmamente, com o falso sorriso que lhe era característico, respondeu: “Eu não sou alcoólico, sou sem-abrigo. Os sem-abrigo não são alcoólicos, *Panda*. Os sem-abrigo são bêbedos.” Encarei-o, contestando, mas como sempre, entendia o que ele estava a dizer.

Estivemos ali algum tempo a conversar, até que eu disse que tínhamos de nos fazer à vida. Decidi ir até Chelas, onde costumava arrumar uns carros junto ao ISEL, pois detestava a Gare do Oriente. Ele replicou que não lhe apetecia ir muito longe. Acrescentou que ficaria por ali e que iria deitar-se um bocado no viaduto. “Vou ver se arranjo guito para mais um pacote de vinho e vou descansar. Estou cansado, Jorge, cansado...” Concordei. Mas disse-lhe para ir à Gare à hora de almoço, ao carro de apoio. “Precisas de te alimentar, Zé”, pedi-lhe. Ele anuiu.

Olhei para o relógio. Já passava das onze. Olhei para a estação dos autocarros da Carris e havia muito movimento. Decidi ir de autocarro até Chelas. É mais fácil andar nos autocarros sem pagar quando há bastante

movimento, pois os revisores não costumam entrar em autocarros cheios. Entrei entre duas pessoas, fiz o movimento com a carteira na máquina eletrónica dos bilhetes, fingindo estar a validar o título de transporte e sentei-me na parte traseira do autocarro. Os condutores, por vezes, reparavam que nós entrávamos sem bilhete, mas não diziam nada. Eles não são revisores e limitam-se a fazer o seu trabalho.

Lembro-me de estar um final de manhã muito bonito e soalheiro, apesar do frio. Lembro-me ao pormenor de muitas coisas dessa manhã e dessa sexta-feira. Já vão perceber porquê. Estive em Chelas até ao final da tarde. Regressei novamente de autocarro à Gare do Oriente. Sentei-me nos últimos bancos traseiros do autocarro, contando as moedas que “fizera”. Não chegava a cinco euros, mas já gastara algum dinheiro num café e num maço de cigarrilhas barato. Portanto, não fora mau. Mas doíam-me as pernas por ter passado toda a tarde de pé.

Cheguei à Gare por volta das oito da noite. Ainda era cedo para chegar o carro com a comida, mas talvez o Zé já andasse por ali. Não o vi e decidi ir beber mais um café nas máquinas, que era mais barato. Depois de beber o café, sentei-me num banco e acendi uma cigarrilha. Os maços de dez cigarrilhas são muito baratos, mas o tabaco é de muito fraca qualidade. No entanto, não era mau ter uma cigarrilha para fumar no meu possível melhor momento do dia.

Entretanto, vi ao longe o Mário a olhar para mim e a encaminhar-se apressadamente na minha direção. Pensei logo que alguma coisa acontecera, pois nunca vira o Mário a andar tão depressa e a dirigir-se a alguém. Quando chegou perto de mim, cumprimentámo-nos e ele ficou de pé, a olhar para mim. Algo de estranho se passava. Por fim, falou num tom de voz cuidadoso: “Jorge... O Zé morreu.”

Fitei-o, atónito. Passados alguns segundos, apenas uma palavra me saiu dos lábios: “Morreu...?!?” O Mário respondeu: “Sim. Faleceu...” Por um instante, quis acreditar que era uma brincadeira, mas o Mário não estava a brincar. Levantei-me, encarei-o e perguntei como. “Caiu de repente no chão”, explicou ele. “Eu e o Cardoso fomos a correr, mas já estava morto. Ligámos para o INEM e o Cardoso foi com eles e com a Polícia, para prestar declarações para contar o que tinha acontecido ou uma coisa assim, mas já voltou. Já ‘tá aí.” Fiquei petrificado. Não sabia o que dizer. Não sabia o que pensar.

Perguntei ao Mário o que causara a morte. Ele respondeu que fora um AVC, mas sugeriu-me que perguntasse ao Cardoso. Sentei-me de novo no banco. O Mário sentou-se ao meu lado e perguntou se eu tinha uma cigarrilha. Dei-lhe uma e fui à procura do Cardoso. Quando o encontrei, ele disse-me que fora um AVC hemorrágico. Pelo menos, fora o que ele percebera e que o corpo ficara no Hospital de Santa Maria. Perguntei como é que iriam ser as coisas e como iria ser o enterro. Ele respondeu de uma forma clara: “Se não conseguirem contactar familiares, a Santa Casa ou a Câmara tratam disso.”

De seguida, durante alguns minutos, deambulei lentamente pela Gare. Queria chorar, mas não conseguia. Queria gritar, mas não gritava. Sentia nós no estômago e na garganta. Sentia uma dor inexplicável. Eu tinha de ir a Santa Maria. Não sei fazer o quê, mas tinha de ir. Saí da estação e decidi ir ao hospital. A caminho, só pensava no Zé e o termo “injustiça” ressoava na minha mente. Como se a justiça ou a falta dela tivessem alguma coisa que ver com o que se estava a passar, mas era a única coisa que eu sentia. E dor. E mágoa.

Caros leitores, vou colocar um ponto final nesta crónica de hoje, poupando a mim próprio e a vocês os restantes acontecimentos duros e mórbidos dessa noite no Hospital de Santa Maria.

Quero apenas dedicar esta crónica ao Zé e acabar estas linhas com essa dedicatória. Não acredito nesse tipo de coisas, mas gosto de pensar que o Zé está bem nalgum sítio. No Céu, ou coisa que o valha. E que está lá a olhar para mim, a ver o que faço e como é que estou “a safar-me”.

Olha, Zé, já tenho uma casa, vês? E tenho uma cozinha para fazer um petisco. Gostaria que estivesse aqui, meu amigo. Preparava-te umas moelas, que sei que adoras. Tenho uma casa de banho, onde podes fechar a porta e cagar de olhos fechados, sem estar preocupado com a mesma, como tu sonhavas. Tenho aqui uma onça de tabaco *Amber Leaf*, que adoras, e tenho mortalhas e filtros! Filtros, Zé! Filtros! Não é cá tiras de cartão enrolado para fumar tabaco das beatas. Tenho máquina para lavarmos a roupa e tenho um frigorífico para guardar as sandochas e ter as bebidas fresquinhas!

E posso ir buscar vinho sem ser de pacote! Roubamos uma nota de cinco ao meu RSI e compramos uma boa garrafa de vinho! E, à noite, podemos ir à esplanada beber um café! À patrão, Zé, como tu dizias! Os

dois bem charmosos, limpos e cheirosos, a piscar o olho às miúdas, algo que dizias já ter vergonha de fazer! Penteados! Homens de novo! Que te parece, Zé? Se quiseres, dorme cá. De pijama, Zé! Eu dou-te um pijama! E podes deixar as tuas coisas na mesa da cozinha, porque na nossa casa ninguém nos rouba!

Porra, Zé, que necessidade sinto de fazer contigo coisas que nunca fiz! Mas o melhor ainda está para vir, amigo. Lembras-te de dizer que a nós ninguém nos ouve? Estás enganado, pá! Aqui o *Panda* escreve agora para um jornal! Podes acreditar. Temos as nossas histórias *online* em a *Mensagem de Lisboa* e no Facebook... Lembras-te do homem que mordeu o cão? Eras um fã dele, certo? Olha que ele publicou uma das minhas crónicas no Instagram dele! Muita gente lê, Zé! Muita gente! E comentam! Alguém ainda sente empatia por nós neste mundo...

Zé, foste o homem mais importante da minha vida. Ninguém sabia quem eras ou o que foste, nem eu próprio sabia, porque tu dizias que não importava a ninguém o que tínhamos sido no passado, mas o que éramos no presente. Pessoas a viverem em condições em que ninguém vive e onde ninguém vive, mas éramos nós que vivíamos lá! E foi lá que te conheci a sobreviver e foi lá que me deste a mão sem ter nada nela para dar! És grande, Zé! Mas tu não sabes isso. E como já disse, gosto de pensar que estás bem e a assistir a tudo isto com o teu melhor sorriso. Para te dizer “olá”, em vez de “adeus”. Estás no meu coração, Zé. Esta crónica é para ti!

**QUANDO O BARBEIRO, O  
SR. ANTÓNIO, ME DEVOLVEU A  
ESPERANÇA COM EMPATIA E UM  
CORTE DE CABELO.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**E**stava com um aspeto que metia nojo. Eram estas as palavras que me vinham à cabeça, enquanto olhava para o espelho de uma montra exterior de um pronto a vestir na Rua da Palma.

Tomara banho nos bombeiros dois ou três dias antes e a roupa que vestia ainda não estava muito suja nem cheirava muito mal, mas estava já muito velha. Tinha o polo muito coçado, cheio de borbotos e o blusão já rasgado em vários sítios. Os *jeans* estavam desbotados, puídos e rotos entre as pernas. Os ténis estavam sujíssimos e com a sola gasta, e a mochila que trazia às costas já tivera melhores dias.

Já não conseguia pentear-me, pois o cabelo estava enorme e a barba, de tão comprida, começava a encaracolar. Sentia também o desconforto de não usar roupa interior, pois já não tinha. Nos últimos dias, não ganhara o dinheiro que costumava ganhar a arrumar carros. Ter boa aparência é muito importante para arrumar carros. Quando se tem mau aspeto, as moedas ficam nos bolsos da maioria dos condutores.

Além disso, pairava agora no ar uma ameaça, um tal de coronavírus, que eu ainda não percebera bem o que era. Até à data, não conhecia ninguém que tivesse contraído esse vírus. Eu não tinha acesso a notícias, nem sequer a um telemóvel com internet. O que sabia era pelas primeiras páginas dos jornais expostos nos quiosques e pelas conversas que se ouviam nas ruas. Mas o resultado era a maioria das pessoas estarem em casa, de quarentena, o que era um problema para mim.

As ruas estavam vazias e os carros já arrumados. Estava a ser muito difícil ganhar algumas moedas. E já ouvira dizer que o governo estava para declarar um estado de emergência, fechando totalmente o comércio.

Estava, então, a olhar para a minha imagem e imerso nos meus pensamentos quando, de súbito, surge por detrás do espelho da loja uma funcionária, dirigindo-se à montra para mudar um letreiro ou algo parecido. Os nossos olhares cruzaram-se. Ela mirou-me de alto a baixo e fixou de novo os seus olhos nos meus com aquele olhar que me incomodava.

Aquele olhar com aquela expressão que me fazia sentir miserável. E era quando chegava à conclusão de que não era uma questão de sentir. Eu era um miserável.

Penso que uma pessoa só se sente miserável quando não está na miséria. Porque, quando está na miséria, é simplesmente miserável. Facto. E aquele tipo de olhar diz tudo. Baixei os olhos, não com vergonha, mas para esconder a minha raiva. E afastei-me, seguindo o meu caminho, sem saber qual seria.

Precisava urgentemente de cortar o cabelo e aparar a barba. A última vez que entrara num barbeiro fora cerca de um ano antes. Mas como? Não tinha dinheiro. Nos barbeiros mais baratos de bairro, o corte de cabelo custava à volta de cinco euros e a barba mais dois ou três... E mesmo que tivesse dinheiro, o maior problema era o meu aspeto.

Eu já começava a ter muitos problemas para entrar em qualquer estabelecimento comercial. Dias antes, já me haviam recusado o atendimento numa pastelaria. Não sabia o que fazer. Fui subindo lentamente a Avenida Almirante Reis e, a dada altura, sentei-me a descansar nos degraus do velhinho Chafariz das Águas Livres, em frente ao Largo do Intendente.

Por vezes, questionava-me quantos quilómetros andaria eu diariamente. Estava cansado e ainda não caíra a noite.

Lembro-me de que, nesse dia, deitei para o lixo o almoço que me fornecera um carro de apoio no Largo de São Domingos. O esparguete estava azedo. Ainda tentei descolar a carne picada da massa, mas sem sucesso. Já comera alguma comida azeda, pois a fome não tem paladar, mas, naquele dia, aquela refeição era intragável. A fome já se misturava com o meu sentimento de frustração. Sentia um buraco no estômago semelhante ao que tinha na alma.

Descalcei-me. Olhei para os meus pés, pois não tinha meias. Nos últimos meses, sempre que olhava para eles, lembrava-me de uma namorada que tivera no passado, a Eduarda. Ela dizia-me que eu tinha os pés bonitos. Havia de os ver agora, Eduarda. Não dirias isso de certeza. Inchados, com as unhas mal cortadas e sempre à pressa, com um pequeno corta-unhas de lâminas já cegas que tinha na mochila. Cheios de marcas e arranhões, calos e com pequenas gretas nos calcanhares....

Tinha no calcanhar direito um sinal muito feio, parecido com uma verruga, que me doía e por vezes sangrava. Tinha muito mau aspeto. Uma mulher que passou por mim olhou-me de soslaio. Calcei-me novamente.

A Avenida Almirante Reis estava irreconhecível. Era dia de semana, mas nem num domingo qualquer eu me lembrava de ver as ruas tão vazias, tão isentas de gente. Mas, naquele momento, a minha preocupação era o cabelo e a barba.

Pedi um cigarro a um homem que acabara de sair da tabacaria em frente, abrindo o maço de tabaco. Ele negou, dizendo-me: “Isto ‘tá difícil... ‘tá difícil...” Fiquei a olhá-lo a afastar-se e pensei: “‘Tá? não me digas...”

Nos últimos tempos, dava por mim sendo genuinamente irónico comigo próprio, apesar da dor. Lembrei-me do Zé. Era isto que ele era diariamente e eu estava a ficar igual. Esta ironia funcionava como escape. Sentia falta do Zé. Sentia falta da vida. Sentia falta de mim próprio. Sentia falta de tudo.

Levantei-me e vi um homem caminhando no passeio, a guardar trocos na carteira. O meu refrão já era automático: “Pode dar-me uma ajuda, por favor?” Sem parar de andar, zangado e afastando-se de mim como se eu tivesse peste, ele retorquiu: “Há uma pandemia e você anda a pedir moedas às pessoas?” “Tem razão, desculpe”, respondi alto, para ele ouvir. E pensei para comigo: “Peço desculpa por respirar.” Ele olhou para trás e gritou: “Arranje uma máscara!”

Uma máscara? Ah, sim, algumas pessoas andavam agora de máscara nas ruas.

Já ouvira de um outro sem-abrigo em Santa Apolónia que o carro do NPISA fornecia máscaras aos sem-abrigo. Tinha de arranjar uma. Mas a minha preocupação continuava a ser o meu aspeto. A barba, o cabelo, a roupa...

Continuei a subir a avenida, passando os Anjos e aproximando-me da Praça do Chile, começando a recordar os bons momentos que passara naquela zona anos atrás, quando vivia na Penha de França. E, de repente, lembrei-me do Sr. António. O Sr. António fora o meu barbeiro durante os últimos dois, três anos em que vivera na Penha. Tinha a sua barbearia numa transversal à Rua Morais Soares. Ainda lá estaria?

Pensei que, noutro contexto e com outra apresentação, poderia com certeza pedir-lhe um corte de cabelo fiado. Mas pensei logo de seguida que aquele era o meu contexto e aquela era a minha apresentação.

Lembrei-me do Zé. E lembrei-me das suas palavras uma vez: “Jorge, para andares aqui, tens de perder as peneiras.” Já as perdi, Zé. Já perdi as peneiras há que tempos. Perderam-se de mãos dadas com a minha realidade.

Faltavam sensivelmente trinta minutos para as 19h00 quando, timidamente, cheguei perto da barbearia. Fiquei a observar do outro lado da rua. A barbearia estava vazia, mas vislumbrei o Sr. António sentado a ler o jornal, como era costume quando não tinha clientes. Aposto que estava a ler *A Bola*! Não consegui deixar de sorrir.

O Sr. António era um fervoroso sportinguista. E eu, como bom benfiquista que sou, “fazia-lhe a vida num inferno” enquanto estava sentado na cadeira a cortar o cabelo. Ganhei coragem e atravessei a rua. Aproximei-me lentamente da montra. Não fui capaz de entrar. Ele levantou os olhos do jornal, que era efetivamente *A Bola*, e fitou-me com um ar inquiridor. Vi na cara dele que não me reconhecia, mas, alguns segundos depois, o seu olhar mudou. Vi que ele me reconhecera, mas ficou sentado com a mesma expressão até voltar a concentrar-se no jornal. Fiquei a fitá-lo, paralisado, sem reação.

Senti novamente vergonha como já não sentia há muito tempo e afastei-me, caminhando em direção à Rua Morais Soares.

Estava quase a chegar à esquina, quando ouvi a voz do Sr. António, gritando de longe: “Sr. Jorge?” Olhei para trás e vi-o à porta da barbearia, a fitar-me com o ar simpático e brejeiro que lhe era característico. Caminhei de novo para a barbearia e, quando cheguei junto dele, dei por mim a cumprimentá-lo da mesma forma que sempre cumprimentara. Como se o tempo não tivesse passado e nada denunciasse a minha realidade.

Eu diria que ele estava chocado a olhar para mim, até que me perguntou com um tom de voz muito baixo que não lhe conhecia: “O que lhe aconteceu?” Encarei-o e respondi secamente: “Falta de sorte.” Não me ocorreu mais nada para responder. A nossa relação, como qualquer cliente tem com o seu barbeiro, não era pessoal. Não sabíamos nada da vida um do outro.

Ele recompôs-se e perguntou com o seu tom de voz habitual: “E deseja alguma coisa, Sr. Jorge?” Eu disse que sim. “Sr. Antônio, estou sem dinheiro. Pode cortar-me o cabelo e aparar-me a barba que eu pago-lhe quando puder?” Ele mandou-me entrar de imediato e fechou a porta no trinco, encerrando o estabelecimento e apagando a luz da montra. Com o seu jeito profissional, indicou-me a cadeira, dizendo: “Com esta pandemia, a clientela não é muita. O Sr. Jorge vai ser a minha última tosquia de hoje.”

Tirei a mochila das costas, despi o blusão velho e rasgado, e pendurei-o no cabide onde anos antes pendurava os meus bons blusões e casacos. A barbearia estava praticamente igual. Sentei-me e disse, sem o encarar: “Esteja descansado, Sr. Antônio. Eu não cheiro mal.”

Ele olhou para mim pelo espelho e disse, divertido: “Oh, e o Sr. Jorge pensa que seria o primeiro? Olhe, o marido da Belinha esteve ontem aqui sentado e cheirava a mijo que tresandava!” Rimo-nos ambos à gargalhada. Eu lembrava-me do marido da Belinha.

Como habitualmente, colocou-me, solícito, a capa e a gola de barbeiro e, pelo espelho, inquireu: “O costume, Sr. Jorge?” Quis saber se ele ainda se lembrava. Ele comentou, gracejando, que os barbeiros têm memória de elefante, mas que desta vez teria de se aplicar mais, pois nunca me vira com semelhante “guedelha”. Olhou para mim com um olhar clínico e perguntou: “A barba é para cortar ou para fazer crochet?” Rimo-nos de novo.

Durante os trinta minutos que se seguiram, o tempo pareceu voltar atrás. Enquanto me cortava o cabelo, tivemos as nossas habituais conversas: a sempre inevitável “guerra” entre lagarto e lampião, o costureiro “corte na casaca” nos políticos que nos governam, os últimos mexericos sobre a vizinhança, a “boazona” do segundo andar que cada vez estava mais “boazona” e, claro está, a Covid-19.

Como é normal quando se corta o cabelo, eu de vez em quando fechava os olhos e, quando os abria, via que ele estava incomodado e apreensivo, mas sem querer mostrá-lo. Por isso continuava a conversar comigo como se eu tivesse estado ali a cortar o cabelo no mês anterior. E eu conversava com ele. Terminara o corte de cabelo e, rodeando-me com o pequeno espelho na mão, fez a pergunta final: “Está bom assim, Sr. Jorge?” Eu disse que estava cinco estrelas e ele passou à barba.

Eu olhava para o espelho e aquele momento estava a ser mágico. A minha roupa estava coberta com a capa de barbeiro e, vendo o reflexo do meu rosto, via surgir de novo o Jorge!

Cabelo bem cortado, bem penteado e a barba a ser aparada como eu gostava, à segunda lâmina da máquina. Acabou, enfim. Depois de me retirar a gola e a capa, não se esqueceu de me escovar os cabelos da roupa, como é habitual. E vi nos seus olhos um enorme desconforto ao observar a minha roupa.

Levantei-me, vesti o blusão e pus a mochila às costas. Dirigi-me ao Sr. António, agradecendo e dizendo que lhe pagaria assim que tivesse dinheiro. Ele ficou uns segundos a fitar-me e perguntou-me se eu precisava de mais alguma coisa. Fiquei sem saber o que responder. Mas ele adiantou-se à minha resposta, perdendo a postura profissional que tivera até então.

“Claro que precisa! Precisa de roupa, caralho!” Fiquei calado, até porque a resposta seria óbvia. Apenas assenti com a cabeça. “Venha comigo, Sr. Jorge”, disse ele, rapidamente.

Caros leitores, a crónica já vai longa. E a direção do jornal pediu-me para escrever crónicas, e não um livro, e é meu desejo que o que escrevo seja lido sem aborrecer ninguém. Por isso, dou aqui um pequeno “salto” para finalizar a crónica deste mês e poupar-vos a pormenores.

Nessa noite, por volta das 21h00, este vosso narrador descia a Avenida Almirante Reis, decentemente vestido, em direção a um vão de escada na Rua da Madalena, que descobrira para passar a noite. A roupa já era usada, mas digna de ser vestida. Roupa oferecida pela irmã do Sr. António. Roupa pertencente ao seu sobrinho que, ao que parecia, já não a vestia porque estaria mais gordo. Mas que bem que eu me sentia a descer a avenida!

Cabelo cortado, penteado e barba aparada. Um quentinho e agradável moletom com capuz, um par de *jeans* justinhos e confortáveis. Um casaco castanho já usado também, mas decente! Calçara meias, vestira uns *boxers* e tinha na mochila mais dois ou três pares de cada junto com um outro moletom, duas *t-shirts*, uma camisa de flanela e alguma comida que me tinham dado! Tinha até uns *Sketchers* calçados, confortáveis e bonitos.

Nunca mais vi o Sr. António. Até porque ele me disse nessa noite que iria deixar a barbearia, porque também tinha os seus problemas e que

estava a ajudar-me apenas no que podia. Há pouco tempo, fui a casa da irmã, a D. Celeste, onde me vesti e me calcei nessa noite com o que me ofereceram, mas ela já não residia lá. O Sr. António avisara-me dessa mudança.

Quero apenas terminar esta crónica dizendo que, nessa noite, readquiri a esperança. Nessa noite, voltei a acreditar na vida e no meu semelhante.

É tão fácil sentir empatia, não acham? Não estou a dizer com isto que eu, como indivíduo, mereça a empatia ou a generosidade de alguém. O que estou a dizer é em nome de todos os sem-abrigo. Aqueles que já foram e já não são, aqueles que ainda o são e ainda sofrem nas ruas e aqueles que eventualmente ainda cairão neste flagelo que ninguém merece, esperando eu que a nossa sociedade ponha um ponto final nesta condição de viver sem um teto. É essa a empatia de que falo. Empatia social.

Essa empatia significa não permitirmos que um outro ser humano viva onde nós não conseguimos viver. Não permitirmos que um outro ser humano sobreviva de uma forma indigna que nós não toleramos na nossa vida. Seja quem for. Pode até ser um criminoso, porque até as prisões reúnem condições que os sem-abrigo não têm nas ruas.

Quanto ao meu barbeiro, o Sr. António...

Quem sabe se ele não vai ler esta crónica aqui em a *Mensagem de Lisboa*, esteja onde estiver? Sr. António, muito obrigado pela sua empatia e generosidade. Muito obrigado por me receber na sua casa no estado em que me encontrou, sem beliscar a minha dignidade como homem. Muito obrigado por me acolher como um ser humano, num mundo onde me tratavam como um cão! Muito obrigado por, nessa noite, me devolver a esperança e a fé no ser humano.

**JÁ NÃO AGUENTAVA DEAMBULAR  
PELAS RUAS. A MINHA VIDA ERA  
SIMILAR À DE UM ANIMAL.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

27 de março de 2020, princípio da tarde em Lisboa. Cheguei à porta do Complexo Desportivo Municipal do Casal Vistoso, perto do Areeiro. Era aí que funcionava provisoriamente um centro de acolhimento para pessoas sem-abrigo.

O pavilhão estava a ser utilizado pela Câmara Municipal de Lisboa, para, devido à pandemia de Covid-19, fazer face ao problema dos sem-abrigo na capital. Constatei, satisfeito, que havia apenas uma pessoa à espera. Ótimo. Estivera lá no dia anterior e não conseguira entrar, devido à enorme afluência.

Coloquei a mala no chão e sentei-me em cima dela, cumprimentando a pessoa que já lá estava, junto à porta, deitada com a cabeça na mochila. Eram sensivelmente duas da tarde. Ainda teria de esperar mais umas três horas, ou mais, até à abertura das portas, mas hoje seria o segundo na fila. Tinha de entrar.

Com a pandemia, estava a ser um verdadeiro inferno viver nas ruas. Se já era insustentável antes, com a pandemia era quase impossível. O comércio estava encerrado, salvo alguns cafés e restaurantes a servirem à porta fechada, com uma pequena mesa à entrada, e a maioria das pessoas encontrava-se em casa, de quarentena.

Dava a sensação de que rebentara uma bomba de neutrões, ou algo parecido, fazendo desaparecer a humanidade. Os transportes, embora agora com entrada gratuita, circulavam praticamente desertos. Não havia trânsito nem pessoas. Ou seja, não havia carros para arrumar e pouca gente nas ruas a quem pedir uma moeda.

O número de carros de apoio aos sem-abrigo diminuía consideravelmente e a própria relação entre os sem-abrigo nas ruas estava até a tornar-se mais difícil, devido à falta de meios de subsistência. Eram, como se costuma dizer na gíria, sete cães a um osso.

Os balneários públicos estavam fechados por medida de segurança e eu não conseguia tomar banho no quartel de bombeiros onde costumava ir.

Estávamos num período em que, se viver era difícil para qualquer pessoa, imaginem o que era para os sem-abrigo.

As medidas de segurança nacionais não contemplavam a segurança nem a subsistência das pessoas que vivem nas ruas. Com a pandemia, a vida dos sem-abrigo não sofrera alterações. Aliás, piorara. Mas, nos últimos dias, duas palavras corriam: Casal Vistoso.

E, naquela altura, foi ao Pavilhão do Casal Vistoso que afluímos às centenas, pois dizia-se que, além da dormida, forneciam banho e comida. E ouvia-se dizer também que a câmara tinha uma solução para nós. Ver para crer, era o que a maioria de nós pensava...

Portanto, ali estava eu a assegurar o meu segundo lugar na fila. Entretanto, iam chegando mais pessoas, colocando-se atrás de mim ao longo da fachada principal do edifício. Umas sentando-se no chão e outras deitando-se, com dois agentes da Polícia Municipal, bastante atentos, a percorrerem lentamente o perímetro.

Como eu ouvira a um sem-abrigo no dia anterior: “Eh, pá, isto parece o Woodstock, versão miséria e sem bandas para assistir!” E de facto, na véspera, fora algo que eu nunca vira. Imaginem cerca de duzentas pessoas sem-abrigo reunidas num local.

Contrariamente ao que se costuma pensar, os sem-abrigo não são todos iguais. Existe, logicamente, gente de vários estratos sociais e profissionais, educação diferente, valores morais diferentes, credos diferentes, outros sem credos, e por aí fora. Existem também alguns delinquentes. Existem pessoas à beira da loucura, outras já com problemas psíquicos...

Os sem-abrigo têm apenas uma coisa em comum uns com os outros: é não terem casa para morar, vivendo de forma igual e sendo observados por uma sociedade que lhe coloca uma espécie de rótulo. O rótulo de sem-abrigo. Por isso, numa situação destas, vimos de tudo e ouvimos de tudo.

E era um ambiente perigoso. Das primeiras coisas em que pensei foi como é que iriam gerir a estadia de cento e cinquenta pessoas como nós dentro de um pavilhão, que era o que se dizia ser a lotação. Lembrava-me da minha má experiência no Albergue de Xabregas, onde um mês antes ficara apenas uma noite, saindo logo pela manhã. E não éramos mais de trinta. Não me senti seguro. Perguntava-me, portanto, como seria um pavilhão cheio de gente sem-abrigo.

Aliás, houve muitos que não quiseram sequer aparecer no Casal Vistoso. Mas a afluência era enorme. Viam-se muitas mulheres naquela fila. Para além de ter espaços separados para homens e mulheres, uma das novidades que o Casal Vistoso estava também a adotar era a criação de um setor para casais. E a fila ia aumentando. A expectativa era enorme e ouviam-se as mais variadas conversas.

Poucos eram os que acreditavam numa solução por parte da câmara. Resolvi tirar a mochila das costas e deitar-me com a cabeça sobre ela. Ainda faltava algum tempo até à hora das admissões. Olhei para os andares cimeiros do prédio em frente. Havia várias pessoas à janela, assistindo ao que se passava cá em baixo junto ao pavilhão.

Aliás, quando ia a entrar no perímetro das instalações, ouvira um comentário depreciativo de um suposto vizinho para outro sobre o que se estava a passar ali. “Isto vai ser lindo”, pensei eu.

Não era novidade para mim. Os moradores não gostam de ver pessoas sem-abrigo junto às suas residências. Fechei os olhos. Estava cansado. Muito cansado. Estava cansado de dormir ao relento. Sentia falta de higiene. Já não aguentava deambular pelas ruas de Lisboa sem um objetivo, sem esperança. Perdera a capacidade de sonhar. A minha vida era similar à de um animal.

Uns tempos antes, ouvira um outro sem-abrigo dizer que éramos como insetos. Achei a comparação exagerada. Ele olhou para mim e disse: “Achas um exagero? Já reparaste como vivem as baratas? Sem habitat, rastejando diariamente às cegas, sem destino, à procura de alimento? E enfiando-se no primeiro buraco que encontram, para evitarem ser esmagadas? Nunca te sentiste a rastejar, Jorge? Não tens medo de ser pisado?” Sim, todos os dias...

De repente, um dos voluntários do pavilhão pediu-nos licença para abrir a porta. Levantámo-nos. O pessoal do pavilhão estava a começar a entrar. E eram bastantes, muitos voluntários. Até que se ouviu uma voz lá atrás na fila: “Olhem! Chegou a manda-chuva!”

Olhei para a “manda-chuva” em causa: trazia um colete do NPISA, avançava com um passo determinado e um sorriso nos lábios, cumprimentando-nos pessoalmente e dizendo no final: “Tenham um pouco de calma, vamos começar a trabalhar.”

Afinal, pelos vistos, era o NPISA que estava a dirigir o centro de acolhimento, pois já entrara mais pessoal com o respetivo colete. E os voluntários eram de diversas organizações sociais, como a Comunidade Vida e Paz, a Crescer, a Noor Fátima e mais algumas. Bom, pessoal não faltava.

Quando a porta se fechou, começaram ouvir-se na da fila os mais diversos comentários acerca da “manda-chuva”: “É da Santa Casa!”; “É do governo!”; “É a prima do Medina!”; “É motorista do NPISA!”; “É a Teresa não-sei-quê!”; “É simpática!”; “Vai-nos foder a todos!”; “Trabalha com um vereador da câmara.”; “Já estive com ela em Santa Apolónia.”; “É a Mariana Bispo do Bloco de Esquerda!”; “Tem pelo na venta!”; “Daqui a nada, vai-se embora!”; “É médica, estúpido!”...

Compreendem agora o quão confuso pode ser muitos sem-abrigo reunidos num só local? Eu não fazia a mais pálida ideia de quem ela era.

Finalmente, a porta abriu-se novamente e eu fui o segundo a entrar. Estava à porta um voluntário com uma presença e estatura similares às de um porteiro de discoteca, mas muito claro e elucidativo. Informava-nos ao pormenor sobre as regras do centro e o que deveríamos fazer. Muito assertivo e com uma boa capacidade de comunicação, o que é fundamental. Fiquei surpreso. Nunca vira ninguém a falar connosco daquela forma. Depois de ele me dar as devidas orientações e dirigindo-me para a triagem, perguntei-lhe como se chamava. Bruno era o nome dele.

Ninguém entrava nas instalações sem passar pela triagem, onde nos mediam a febre e a tensão arterial. Finalmente, a admissão. Lembro-me como se fosse hoje. Deram-me uma pulseira verde com o número 93. Portanto, já lá estavam noventa e três pessoas e ainda iriam entrar muitas mais.

A seguir, iria tomar banho. Dois voluntários forneciam a cada sem-abrigo uma toalha, cuecas, meias e minitubos de gel e de champô. Mas que banho! Os chuveiros do pavilhão eram excelentes, com a água bem quente e muita pressão. Há séculos que não tomava um banho assim. Que bem que nos sentíamos!

E, finalmente, a entrada no recinto desportivo do pavilhão, que seria o nosso quarto durante a estadia, a ala dos homens. As mulheres e os casais ficavam noutra ala do edifício. Quando entrei, fiquei surpreso. Dentro

do recinto, havia dezenas de camas de campanha, devidamente afastadas umas das outras de acordo com as medidas de segurança da Covid-19.

Ao lado da cama munida com dois cobertores, havia para cada um uma mesa e uma cadeira de plástico. Ou seja, um “quartinho individual” para cada um de nós. Seria naquelas mesas que tomaríamos as refeições.

Deitei-me na cama de campanha. Não era como um colchão, mas, com um dos cobertores por baixo, era confortável. Reinava uma grande azáfama dentro do recinto, com o pessoal todo a experimentar as camas, a ajeitar a gosto as mesas e as cadeiras.

Os pertences individuais de cada um ficariam debaixo das camas e sentiam-se os primeiros olhares de soslaio. Tal como nas ruas, precisaríamos de ter cuidado com as malas, as mochilas, a roupa... Já para não falar no dinheiro e nos telemóveis.

Éramos muitos naquele local e a rua estava ali presente. Encontrei no recinto muitos sem-abrigo com quem lidava diariamente nas ruas. Alguns, uma agradável surpresa, e outros, a evitar... Mas, na altura, eu não queria pensar nisso. Estava deitado na minha cama, apreciando o momento. Até que não estávamos mal! E era a minha primeira cama em oito meses, desde que abandonara o meu quarto em Alverca. Sorri, satisfeito. Tomara um excelente banho, estava deitado, estava confortável e o cobertor era grosso e quente.

Passados uns minutos, levantei-me para ver as restantes instalações. Devo dizer que existia ali um “set” muito bem organizado. Além das restantes camaratas para mulheres e casais, estava disponível logo à entrada um amplo salão com televisão, muitas cadeiras e mais uma outra sala de convívio com mesas de quatro pessoas. Estava também ao nosso dispor o pátio ao ar livre.

Junto à escadaria principal, existia uma banca de roupa e sapatos de diversos tamanhos e estilos, para homem e para mulher. Ao fundo, existia o espaço reservado aos profissionais e voluntários do centro.

O voluntariado trabalhava de uma forma eficiente e organizada. Falavam connosco, queriam sentir que estava tudo bem. A tenda da triagem era, em simultâneo, uma enfermaria permanente, e existia um espaço por baixo das bancadas do pavilhão que se destinava ao isolamento de pessoas que poderiam ter contraído o vírus. Ao mínimo sinal de febre, iriam para lá.

Sentei-me numa cadeira, no pátio. Sentia-me bem. No lado direito do pátio, a “manda-chuva” falava ao telemóvel. Quando desligou a chamada, reparou em mim. Aproximou-se, sorrindo, perguntando-me como estava. Respondi que estava bem. Que tomara um bom banho e me sentia muito confortável. Ela mostrou-se satisfeita e acrescentou que era esse o objetivo daquele projeto. Eu disse que era pena que houvesse um limite de pessoas, ou seja, quando a lotação do pavilhão estivesse esgotada, a maioria dos sem-abrigo ficaria nas ruas.

E foi aí que ela me disse que, à medida que fossem resolvendo a situação de vida dos sem-abrigo residentes, outros entrariam. Perguntei que tipo de solução é que tinham para nós e ela afirmou que o objetivo do projeto que estava a coordenar era não permitir que quem entrasse ali voltasse a dormir na rua.

Olhei para ela, desconfiado. E foi aí que lhe perguntei quem era e se era licenciada. Ela disse que sim, encolhendo os ombros. E acrescentou: “O meu nome é Teresa Bispo, coordenadora do NPISA. Sou também assessora do vereador Manuel Grilo, da Câmara Municipal de Lisboa, que é o criador deste projeto.”

Finalmente estava esclarecido o mistério da “manda-chuva”. Estivemos à conversa mais um pouco e eu, reparando que ela fumava, perdi a vergonha e pedi-lhe um cigarro. Tirou o maço de tabaco do bolso e deu-me dois. Dois? Eu continuava desconfiado. Agradei: “Muito obrigado, Doutora Teresa.” Ela disse-me simplesmente: “Teresa. Por favor, trate-me por Teresa.” E afastou-se. E foi para junto de um outro sem-abrigo, para conversar com ele. E a seguir a esse, outros foram alvo da sua atenção pessoal. Eram já quase oito horas da noite.

Lembro-me de pensar que não era normal uma pessoa com uma posição profissional como a Teresa Bispo estar ali àquela hora. Senti que ela se preocupava. Aliás, como toda a equipa que se encontrava no Casal Vistoso. Durante o mês que passei naquele pavilhão, tive a oportunidade de assistir a um trabalho notável por parte da Teresa Bispo e daquelas pessoas. Um trabalho genuíno e com muita dedicação de todos os profissionais.

Calculam o que é lidar diariamente com mais de cem pessoas sem-abrigo? Não é fácil. É muito difícil. Caros leitores, não pensem que estou aqui a “dar graxa ao cágado”, como se costuma dizer na gíria.

Não escrevo estas linhas por estar reconhecido, por me acolherem e por me providenciarem uma casa. A mim e a centenas de pessoas que por lá passaram. Escrevo estas linhas, porque assisti durante um mês a um trabalho notável naquele pavilhão coordenado pela Teresa Bispo e pela sua equipa de profissionais.

Quero homenagear aqui esses profissionais. Pessoas como a Madalena Múrias e a Dina Nunes. Voluntários como o Bruno, o Marco, o Titó, a Filomena e tantos e tantos outros que por lá passaram. Até as auxiliares de limpeza trabalhavam em prol de todos os sem-abrigo ali residentes. Estas pessoas são a pedra basilar no início da recuperação humana de todos os sem-abrigo que por lá passaram e que têm hoje um sítio para viver com dignidade.

Mas deixem-me voltar àquela primeira noite no Casal Vistoso. Depois de fumar um dos cigarros que a Teresa me dera, minutos depois chegou o jantar. Uma refeição quente. Esparguete à bolonhesa, lembro-me perfeitamente. Com um sumo de fruta, pão e sobremesa. Gelatina. E acho que haveria ainda uma ceia ao deitar. Nessa noite, não queria pensar em mais nada. Queria apenas fechar os olhos e descansar. Com o banho tomado, com a barriga cheia e com o corpo deitado num sítio que não fosse de pedra ou asfalto. Nessa noite, ao deitar-me, permiti-me voltar a sonhar. De novo. Porque não?

**TOMEI TRÊS DUCHES QUENTES E  
ANDO PELA MINHA NOVA CASA, NU  
E A DANÇAR.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

“**H**oje é o primeiro dia do resto da tua vida.” Quem não conhece este refrão de um tema do nosso Sérgio Godinho? Confesso que não sou muito admirador da música dele, mas naquele final de manhã de 11 de maio de 2020, este refrão não me saía da cabeça.

Acabara de entrar no metropolitano na Gare do Oriente, em direção ao Areeiro. Suponho que nunca viajei tanto em transportes públicos como naqueles dias. Em pleno pico da pandemia da Covid-19, os transportes públicos em Lisboa eram gratuitos. Dirigia-me para o Complexo Desportivo Municipal do Casal Vistoso, naquela altura um centro de acolhimento para pessoas sem-abrigo e onde eu estava há quarenta e cinco dias.

Eu e mais de uma centena de pessoas. Foi fantástico para mim. Ter diariamente cama, comida e banho deu-me a oportunidade de me reestruturar um pouco, tanto ao nível pessoal como social. Tornou-se diferente arrumar carros ou mesmo pedir umas moedas depois de tomar o pequeno-almoço no Casal Vistoso e sabendo que teria ainda mais quatro refeições. Almoço, lanche, jantar e ceia. E, finalmente, dormir abrigado e quente, longe do frio, da chuva e longe dos pisos empedrados ou de asfalto. E era mais fácil conseguir dinheiro para lavar a roupa na lavandaria, pois já não necessitava de me preocupar com a comida.

Com a roupa que me dera a irmã do Sr. António e com o banho tomado, depressa constatei que já não me identificavam como um sem-abrigo. E isso foi a melhor coisa que poderiam dar-me! Recuperei a minha dignidade e podia caminhar na rua de cabeça erguida. Todos nós partilhávamos esse sentimento.

“Hoje é o primeiro dia do resto da tua vida ...”

Não consegui deixar de cantarolar baixinho a melodia à medida que o comboio se aproximava da estação do Areeiro. Era hoje o dia em que iria viver para uma casa. Todos nós tínhamos dificuldade em acreditar nisso, mas, ao que parecia, era a mais pura das verdades. Eu nem conseguia dar

interiormente largas à minha suposta felicidade, pois ainda era muito difícil acreditar nisso.

Constava que a Câmara Municipal de Lisboa, em parceria com diversas entidades e associações de apoio social, estava a realizar vários projetos de apoio aos sem-abrigo. Um deles, o “Housing First”, consiste em fornecer casas individuais aos sem-abrigo que reúnam determinadas características. Totalmente financiadas pela câmara, as associações disponibilizam uma casa completamente equipada, com todas as despesas pagas e com apoio técnico regular, para que cada um de nós possa mudar de vida.

A única despesa da pessoa sem-abrigo será pagar à respetiva associação uma pequena percentagem do seu eventual rendimento. Caso não tenhamos rendimentos, o que acontecia com a maioria de nós, não pagamos rigorosamente nada até termos trabalho ou a atribuição do Rendimento Social de Inserção.

“Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida...”

De manhã, já arrumara as coisas e fizera a mala. Portanto, agora era almoçar e esperar. Assim que cheguei ao pavilhão, coloquei-me em terceiro lugar na fila do almoço. No primeiro lugar da fila estava o Nuno, o outro “contemplado” a sair comigo nesse dia para as nossas novas residências. Olhámos um para o outro e sorrimos. Nunca vira o Nuno na fila do almoço, mas, naquele dia, ele era o primeiro. Como se entendesse o meu olhar, disse-me baixinho: “Só acredito quando vir, só acredito quando lá estiver...”

Mas que “raça” esta, os sem-abrigo! Não confiávamos em ninguém. No dia anterior, a própria diretora do centro, a Teresa Bispo, garantira-nos que, na noite seguinte, já estaríamos a preparar o nosso jantar numa casa nossa e, ainda assim, estávamos com reticências! Mas, ao mesmo tempo, parecíamos dois noivos no altar, esperando a respetiva noiva, ansiosos e confiantes.

Depois do almoço, sentei-me na minha cama, a verificar o interior da mala e da mochila como se nunca o tivesse feito. Nos últimos oito meses, não fizera outra coisa, vezes sem conta, diariamente nas ruas, mas agora... Agora, sentia que estava a fazê-lo pela última vez, pois ia para casa.

Disseram-me que existia um tal de “roupeiro” lá na casa. E que lá na casa também haveria um tal de “armário”. Na casa! A palavra “casa” bailava dentro de mim como se eu nunca tivesse tido nenhuma.

Arrumei a mala debaixo da cama, coloquei a mochila às costas. Não foi preciso esperar muito tempo. Assim que acabara de me sentar cá fora, na escadaria lateral, vi chegar a Teresa Duarte, diretora da AEIPS, a associação com quem eu assinaria contrato ao abrigo do programa “Housing First”. Acompanhava-a uma outra técnica da associação, a Lúcia Zaffaroni. Levantei-me de imediato, quase correndo em direção à entrada.

O Nuno chegou primeiro junto delas, pois estava dentro do edifício. A Teresa Duarte olhou para nós, um pouco surpreendida. Perguntou: “São o Jorge e o Nuno?” Dissemos que sim. “E então? Já têm tudo pronto?”, inquiriu, sorrindo.

Nem sequer respondemos. Numa espécie de corrida, fomos à camarata buscar as malas. Estávamos ansiosos por sair, mas demorámos ainda um bocado a despedir-nos de algum pessoal que nos era mais próximo e que ainda lá ficaria.

Os que ficavam olhavam para os que saíam para as casas com aquela expressão incrédula e desconfiada que eu tão bem conhecia. Não nos livrámos de uns bons “calduços” de parabéns e de votos de força e de boa sorte.

Quando chegámos novamente ao átrio, tínhamos à nossa espera dois grandes sacos de ráfia cheios. Foi a própria Teresa Bispo que os entregou. Citando as palavras dela, eram apenas um “pequeno enxoval” que ela fazia questão que todos os “seus meninos” levassem para as suas casas. Lençóis, toalhas, produtos de higiene, mercearias e alguma comida.

Eu já aprendera a não chorar. Já aprendera nas ruas a não revelar aquilo que vai cá dentro. Mas, naquele momento, não consegui conter duas ou três lágrimas. Despedi-me dela com um abraço. Quando a encarei, vi também lágrimas nos seus olhos.

Lembro-me daquele início de tarde como se fosse hoje. Tive a sorte de sair do pavilhão primeiro do que o Nuno, viajando num táxi ao lado do motorista e com as técnicas da AEIPS no banco de trás, a caminho da minha nova casa.

A minha cabeça estava a mil à hora... Que momento surreal. De táxi para casa! Lembrei-me várias vezes do Zé. Quase o ouvia dentro do táxi, a dizer-me brejeiramente: “Ei, *Panda* de um cabrão! De táxi à patrão, hã?” Decerto seria isso o que me diria se estivesse ali. Por duas vezes, olhei pela janela do automóvel, desejando estupidamente vê-lo numa esquina de uma rua qualquer.

Por fim, chegámos a Alfama! Alfama, o carismático bairro milenar da nossa cidade, bairro esse em que me esperava a minha casa, um pequeno apartamento. Localizava-se num falso rés do chão, pois a porta do prédio e as duas respetivas janelas da fração ficavam quase ao nível de um primeiro andar ao cimo de uma escadaria.

À entrada, a Lúcia Zaffaroni entregou-me a chave, dizendo para eu abrir a porta, pois a casa era minha. Fitei-a durante alguns segundos, pousei no chão a mala e o “enxoval” e, de seguida, meti a chave na porta. Abri-a e entrei na minha casa.

Não sei descrever o que senti naquele momento. Encontrava-me numa sala muito bem decorada. Um sofá de quatro lugares com um candeeiro de leitura, uma mesa de jantar estilo americano encostada à parede, com quatro bancos também, um televisor LCD numa mesa rasteira ao canto e um baloiço rústico suspenso numa das traves do teto, ficando à direita as duas janelas que davam para a rua e, à esquerda, um pequeno quarto com um delicioso beliche duplo, com o tal armário e com o tal roupeiro.

E vejam lá, que “infelicidade” a minha, uma cozinha totalmente equipada e uma moderna e convidativa casa de banho. Fiquei ali de pé. Estático. A olhar para todos os cantos da casa. Nem tinha levado para dentro a mala e o saco, pois foram as técnicas que os colocaram ao pé de mim. Mas não via a minha mochila e disse, um pouco aflito, que a perdera ou a deixara no táxi. “A mochila está nas suas costas, Jorge”, esclareceu-me a Lúcia Zaffaroni, sorrindo.

Sorri também. E fiquei na minha casa.

Já passava das duas horas da madrugada e eu não conseguia dormir. Acham estranho? Talvez seja. Finalmente, estava a viver numa casa com uma cama confortável e não conseguia dormir. Desde que ficara sozinho na casa, parecia uma criança a querer experimentar todos os brinquedos recebidos num dia de Natal.

Tomei duches quentes três ou quatro vezes e andava pela casa nu e aos pulos. A televisão ainda não estava ligada a qualquer tipo de antena, mas eu sentava-me confortavelmente no sofá, a olhar para ela. Ainda não tinha forma de ouvir qualquer tipo de música, mas cantava e dançava feito doido.

Não tinha sono. Pudera! Durante todo o dia, usei várias vezes a máquina do café, com as pastilhas que me tinham deixado lá num cesto. Devo ter bebido mais de seis cafés!

Brincava com o micro-ondas, brincava com a torradeira e com a cafeteira elétrica... Nem imaginam o prazer que me deu encher e arrumar o frigorífico e os armários da cozinha com todas as coisas que tinham vindo no “enxoval” da Teresa Bispo do Casal Vistoso.

Peço desculpa aos meus leitores, pelo meu palavreado, mas lembro-me de estar chateado por não ter vontade, pois queria usar a sanita! Sentei-me nela, cantando alto o que havia cantarolado desde o início da manhã: “Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida!”

Ao cair da noite, a minha euforia focou-se no fogão elétrico de quatro bicos, cozinhando finalmente o meu jantar acabadinho de sair do meu “enxoval”. Depois do jantar, fui dar uma volta por Alfama, apenas para pedir uns cigarros a quem passava, para depois levar para casa. Havia muito pouca gente na rua, mas lá consegui arranjar quatro ou cinco no espaço de uma hora.

As pessoas olhavam-me de uma forma estranha. Decerto estariam a pensar que mosca teria mordido àquele gajo, em plena pandemia, feliz da vida e a pedir cigarros. Durante oito meses, pedira cigarros na rua com angústia e vergonha. Mas, naquela noite, eu andava a pedir tabaco às pessoas cumprimentando-as com um sorriso e desejando alegremente boa noite mesmo a quem não me dava um cigarro e me mandava dar uma curva.

Não me dão um cigarro? Olha que bom. Sabem uma coisa? Vou pra casa! E jantei que nem um abade! Se não me derem um cigarro, apanho uma beata pelo caminho, que deve ser agora deliciosa comparada com todas as que apanhei nas ruas. E agora, vou tratar da minha vida! Tenho tempo.

Voltei. Tenho tudo de que preciso para mudar finalmente a minha vida, o que era impossível sem ter um teto. Porque será que este mundo parece

não perceber que um ser humano sem casa para dormir, sem água para se lavar, sem nada para comer e com a roupa a cheirar mal não consegue mudar a sua vida? Quem não conhece ou faz a costumeira pergunta dirigida à pessoa sem-abrigo: “Porque não vai trabalhar?”

O Instituto do Emprego e Formação Profissional anulou a minha inscrição nos seus serviços, além de me impossibilitar de receber o Rendimento Social de Inserção. E porquê? Porque não acusei a receção de uma convocatória para um emprego, que fora enviada por correio. E como e onde receberia eu a carta? Debaixo do viaduto na Gare do Oriente? Na entrada do Museu Militar? No vão de escada de um prédio em obras na Rua da Madalena?

Como sabem se eu li a convocatória ou não? Nunca tive acesso à carta. A carta não foi enviada com registo ou com aviso de receção. O que escreveram eles no meu processo? Desaparecido? Falecido? Mudo? E caso tivesse recebido a carta, como me apresentaria eu para uma eventual colocação profissional? Com a roupa rasgada e sem tomar banho? Completamente desestruturado como cidadão e como ser humano?

Não sei as respostas. Apenas conheço as perguntas. As que acabo de escrever e muitas que não escrevi. Mas talvez um dia as escreva. E apenas repito o que escrevi na minha primeira crónica em alusão à nossa sociedade: “Estás a subir? Nós ajudamos-te a subir. Estás a descer? Nós ajudamos-te também a descer. Bem fundo.”

Caros leitores, as minhas crónicas estão a chegar ao fim. Aliás, a que estão a ler bem poderia ser a última. Mas, se quiserem continuar a ler-me, ainda gostaria de partilhar convosco mais uma. Mais um pedacinho da minha vida. Na minha primeira crónica, propus-me a partilhar com todos vós a minha experiência como pessoa sem-abrigo. O que é ser um sem-abrigo. Ao longo destes meses, partilhei aqui essa experiência e, finalmente, tenho uma casa. Já não sou sem-abrigo. Mas será que deixei de o ser? Ou será que parte de mim ficou perdida nas ruas onde dormi e onde vivi? Que homem sou hoje? Que homem fui e que homem vou ser? Tentarei dizer-vo-lo na próxima e última crónica.

**QUEM SOU EU? UM SEM-ABRIGO  
COM CASA. É A DEFINIÇÃO QUE  
MAIS SE AJUSTA A QUEM SINTO SER.**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

C heguei ao fim. Durante quase um ano, tive o prazer de escrever para a *Mensagem de Lisboa*. Foram catorze crônicas em que partilhei com todos vós quase nove meses da minha vida e como vivi sem-abrigo nas ruas de Lisboa.

Escrever estas crônicas foi uma experiência única. Confesso que, quando escrevi as primeiras linhas, não esperava ter a audiência que tenho tido até agora, tanto aqui no *site* como nas redes sociais. Quero desde já agradecer a todos vós, leitores, que me acompanharam até aqui. Quero agradecer a vossa leitura, os vossos comentários e agradecer todos os *emails* e mensagens que me enviaram ao longo de todos estes meses.

Valeu a pena! Fiquei satisfeito, não pelas audiências, mas por sentir que fiz um bom trabalho. Foi um trabalho honesto. Foi provavelmente o trabalho mais honesto e verdadeiro que fiz em toda a minha vida. Fiz este trabalho, porque pensei que deveria ser feito e agradeço a este jornal por se terem lembrado desta temática e desta questão social, se é que pode ser designada desta forma.

Pela parte que me toca, sinto-me honrado e grato por me escolherem para tentar passar a mensagem em nome de todas as pessoas sem-abrigo. Aquelas que sofreram nas ruas como eu e as que ainda sofrem. E espero que este trabalho sirva, sentindo alguma ingenuidade ao dizer isto, para ajudar a pôr fim ao sofrimento de quem ainda vive nas ruas e para que talvez nunca mais ninguém volte a passar pelo mesmo.

Vamos todos tentar?

Sei que é difícil, mas sabem, estou a ouvir música na rádio enquanto escrevo e acabaram de passar o *Imagine*, do John Lennon... Sorri e pensei: porque não escrever aqui uma linha ou duas, também com alguma esperança, utopia e ingenuidade? Porque não? Como é que ele cantou?

Podes dizer que sou um sonhador, mas não sou o único. Espero que um dia te juntes a nós e o mundo será como um só... É uma ingenuidade, eu sei. Mas toda a gente gosta da letra, verdade? Pena é que não a interiorizem depois de a ouvir.

Pronto, agora temos aqui o John Lennon da Gare do Oriente, pensarão vocês. Não sou nada disso, caros leitores. Vivi e vivo na maior das realidades. Não tive nem tenho tempo para perder com palavras bonitas dentro de frases bonitas. Mas sempre sonhei. Sempre. Até quando dormia encharcado, cheio de fome e frio, e a cheirar mal que nem um animal. Sonhava sempre.

Porque a única coisa que eu tinha, quando tinha algum tempo, era apenas o sonho. E o meu era muito simples, muito pobre e muito básico. A forma como eu vivia é que me limitava a sonhar assim. Eu sonhava somente ser de novo um ser humano e que me tratassem como tal.

Aliás, os sem-abrigo sonham com coisas dentro dessa linha. E que linha é essa? É a linha onde pessoas vivem sem aquilo que nos faz sentir humanos e nos dá a dignidade básica. Nessa linha, procuramos um colchão, uma manta, uma sanita, uma cadeira... Procuramos água, um sítio para nos lavarmos, um prato de comida quente, umas peúgas lavadas, um corta-unhas que não esteja cego e ferrugento, um casaco...

Eu já não tinha os chamados sonhos comuns que todo o ser humano tem. Já não sonhava com uma casa. Só sonhava em viver dignamente. Já não sonhava com coisas com que sonhara no passado. Já não me preocupavam coisas como o amor-próprio ou a autoestima. Só sonhava em viver como uma pessoa. Nem vou dizer que sonhava em viver de uma forma que não fosse como um cão, pois existiam cães que viviam melhor do que eu. Sabem? Aqueles cães que não são sem-abrigo? Já alguma vez pensaram nisso? Em cães com ou sem abrigo? Talvez não.

Esse tipo de pensamentos e conjecturas nasce na mente de uma pessoa como eu era. Depois de, numa noite, um cão urinar na manta onde eu dormia, junto aos pés, fitei os olhos dele e pensei: *Este cão é como eu. Ou serei eu que sou como ele?* Dei por mim a dizer-lhe em voz alta que existiam cães com melhor sorte do que ele. Nessa noite, acabou por dormir junto de mim, depois de eu lhe oferecer meio papo-seco já duro com uma tira de carne de vaca dura e fria, a imitar uma sanduíche, que me tinham dado horas antes num carro de apoio. Tinha fome e frio como eu e olhava para mim da mesma forma que eu olhava para ele.

Batizei-o de *Mijão* e deixei-o no dia seguinte entregue a um sem-abrigo que “coleccionava” cães, pois o Zé, que estava a dormir ali próximo e sem

tirar a cabeça de debaixo da sua manta, alertou-me logo: “Ó *Panda*, nem penses em adotar um caralho de um cão, ‘tás a ouvir?’”

Como sempre, o Zé sabia, de olhos fechados, o que eu estava a pensar ou a tentar fazer. Mas ele tinha razão. Um cão era a última coisa neste mundo que nos faria falta, embora muitos sem-abrigo tenham cães como companhia. Obviamente e como devem calcular, era fácil a amizade entre pessoas como nós e cães de rua. Cães de rua... também.

Mas, finalmente, essa vida, se é que podemos chamar-lhe assim, acabou-se. Deram-me a oportunidade de tentar ser de novo um homem. Se leram a minha crónica anterior, sabem que tenho agora uma casa e estou novamente integrado na sociedade.

Aliás, estas crónicas são prova disso. Nunca poderia ter escrito nada do que vos escrevi, se não possuísse o mínimo de equilíbrio, tanto a nível físico como emocional. No entanto, foi duro. Foi muito duro escrever estas crónicas.

Podem não acreditar, mas do que mais precisei para as escrever foi de coragem. Se me têm acompanhado desde o início, devem poder constatar que é preciso muita coragem para fazer um relato do que é viver nas ruas. É muito difícil escrever sobre miséria e falta de dignidade. Conheço duas pessoas, ex-sem-abrigo como eu, que já me confessaram que seriam incapazes de fazer o que fiz.

E afinal que fiz eu? Nada de mais. Simplesmente falei sobre aquilo que, lá está, muitos não têm coragem. Mas eu ganhei essa coragem. E decidi escrever sobre aquilo que fui, muitos foram e ainda são: uma pessoa sem-abrigo.

Caros leitores, acreditem que não o fiz por protagonismo nem para melhorar a minha condição social, embora deva confessar que foi bom ser pago por aquilo que escrevi. Foi muito engraçado ganhar alguma notoriedade. Foi um privilégio para mim estar sentado a uma mesa com pessoas como a Catarina Carvalho, uma jornalista que sempre admirei e com o Ferreira Fernandes, um “monstro sagrado” da nossa comunicação social, assim como os restantes profissionais que conheci em a *Mensagem de Lisboa*, que têm sido fantásticos, em especial o apoio da jornalista Catarina Reis.

Senti-me como quem canta umas tímidas “rockalhadas” no banho e, de repente, é convidado para trabalhar com os Rolling Stones. E acrescento o

facto de que nunca fizera nada similar ao que fiz para este jornal.

Mas, repito, não foi isto que me moveu. Eu quero ajudar. Não chega aquilo que faço diariamente pelos sem-abrigo. O que faço é aquilo que chamo de ajuda direta, o que é bastante importante. Fazer chegar comida a quem não tem é essencial. Lavar a roupa a quem não tem meios para o fazer é necessário. É fundamental estar junto das pessoas sem-abrigo, para conhecer as suas necessidades e ajudar no terreno. Terreno esse que fez parte da minha vida durante meses e que conheço bem.

Tudo isto é importante. Tudo isto é necessário, mas não chega. De que serve dar a uma pessoa sem-abrigo uma refeição, uma muda de roupa lavada e até uma ou duas moedas, se ela continuar a viver na rua? De que serve dar apoio moral a uma pessoa, quando ela sabe que à noite terá de dormir novamente ao frio e à chuva? De que servem palavras animadoras dirigidas a pessoas que vivem num mundo onde a esperança já não existe? De que vale a lógica e a razão dirigidas a pessoas que estão afundadas no desespero e, por vezes, a enlouquecer? Como pode alguém ter a mente e o espírito abertos, quando vive como os cães?

Espero, assim, que estas crónicas sejam um alerta e que, pelo menos, contribuam para que todos saibam o que é o inferno de sobreviver nas ruas. Sobreviver de formas que pessoas na nossa sociedade nem sequer imaginam viver, mas que pactuam diariamente com essa forma de sobrevivência. É aqui que está a raiz do problema.

Vivemos numa sociedade sem empatia humana. Quanto a mim, já não sou sem-abrigo. Ou será que ainda o sou? E não sendo uma coisa nem outra, quem serei eu?

Calculo que isto seja difícil de entender. Nesta crónica final, gostaria que as minhas palavras fossem lógicas e esclarecedoras. Mas como posso explicar-vos aquilo que nem eu consigo entender?

Muitos de vós viram este vosso narrador no programa televisivo do Manuel Luís Goucha, uma outra surpresa agradável. Claro que fiquei feliz por ele ter lido as minhas crónicas e, em resultado disso, me convidar para o seu programa. Uma coisa é certa: o que escrevi pelo menos “barulho” já fez. E é precisamente esse “barulho” que quero fazer.

Quem viu o programa ouviu a última pergunta que o Goucha me dirigiu. Essa pergunta foi simples: perguntou-me apenas quem eu era. Perguntou-

me que homem era aquele que ali estava. Respondi que não sabia.

E é a verdade, caros leitores. Não sei. Sei quem fui no passado, mas não sei quem sou hoje. Tenho casa, sim. E estou grato por isso. Mas olho para a minha casa de uma forma como nunca olhei para as anteriores que tive. Vivo numa casa de uma forma como nunca vivi em nenhuma. Olho para a vida como nunca olhei e vivo a minha vida como nunca vivi. Talvez porque eu esteja diferente. Dou valor a coisas às quais não dava no passado ou nem sabia que existiam.

Viver e sobreviver nas ruas modificou-me. Mas será que modificou? E se eu estiver afinal a descobrir o verdadeiro Jorge? E, caso isso seja verdade, porque não o conheço e não sei lidar com ele? Porque não sou feliz? Porque me sinto apenas grato?

É estúpido pensar assim. É como se eu dissesse que, para adquirir alguma maturidade e autoconhecimento, tive de ser uma pessoa sem-abrigo e viver no inferno. Não faz sentido. Como disse, não sei quem sou. Apenas posso dizer o que faço e o que sinto. E sei apenas o que quero fazer, embora não saiba ainda muito bem como.

Não sinto culpa por ter sido uma pessoa sem-abrigo. No meu passado, fiz coisas de que não me orgulho e cometi os meus erros, mas não foram os fatores responsáveis por ir parar à rua! Fui uma pessoa sem-abrigo como tantas outras que ficam desempregadas e sem dinheiro para pagar a sua habitação.

Durante os quase nove meses em que vivi nas ruas, arrependo-me de ter feito algumas coisas. Mas fiz essas coisas porque tinham de ser feitas. Por sobrevivência. Mas pronto, tudo isto é passado. Só que o meu passado é prólogo.

Não, não estou louco. Pelo contrário. Mas muitos enlouqueceram. Sou apenas um homem diferente. Sei que ninguém vai entender isto, mas parte de mim ficou nas ruas. Algo ficou lá e vai lá ficar para sempre. A miséria está lá também. A miséria existe. Nas ruas e dentro de mim. E essa miséria nunca irá sair cá de dentro.

A Catarina Reis entrevistou um sem-abrigo, o Rogério, aqui para a *Mensagem*, e ele disse a mesma coisa. E muitos que conheço dizem o mesmo.

O que será isto? Não sei. Não vou perder tempo a tentar resolver esta “charada”. Apenas sou um homem que muitas vezes olha para a janela de

casa, por mais confortável e quente que se sinta. O frio está lá fora! Os leitores pensarão: “É claro que o frio está lá fora, que grande novidade...!” Sim, eu também sempre soube isso. Mas o que se passa agora é que estou lá fora também. E os leitores perguntarão: “Está lá fora? Então, mas o gajo já não tem casa?”

Sim, tenho. Mas, quando ouço chover, o Jorge continua a dormir à chuva. Quando, por vezes, na minha casa, faço para o jantar um bifinho com batatas fritas, sinto ainda o gosto da merda na minha boca. E quando, às vezes, faço uma boa sandocha fora da hora das refeições, depois de ter já almoçado ou jantado, e penso que alguém deveria estar a comer no meu lugar? Uma vez, quando fui colocar o saco com o meu lixo no contentor da rua, fiquei a olhá-lo como se ele fosse perguntar-me algo. E, mentalmente, respondo que sim, que já me alimentei dele. Estive quase a pedir desculpa a um contentor de lixo...

Paro na rua quando vejo um sem-abrigo. A minha alma chora quando vejo alguém a dormir num canto imundo desta cidade e já dei a quem precisava dinheiro e comida que me faziam falta. Acham que estou louco? Talvez.

Mas, se for esse o caso, existem muitos mais. Há um homem a quem, tal como a mim, foi oferecida uma casa ao abrigo da “Housing First”. Nos primeiros dias, dormiu no chão, pois não conseguia dormir na cama.

No mês passado, fui visitar um companheiro meu também ao abrigo deste programa e a casa de banho dele estava imunda. Parecia uma casa de banho pública. Já não sabe viver civilizadamente.

E quem sou eu, então? Não sei. Apenas sei dizer o que não sei se alguém irá entender: o homem que está neste momento a escrever estas linhas ficou lá fora e sou eu que estou aqui dentro.

Quem serei eu? Talvez um sem-abrigo com casa. É a definição que criei que mais se ajusta ao homem que sinto ser. Mas será que é mau? Um dia destes, dei por mim a pensar que se todos nós sentíssemos a miséria dentro de nós, talvez a miséria não existisse.

Muito obrigado a todos vós por me terem lido.

# **MOÇÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA**

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

## Voto de pesar pela morte de Jorge Costa, Da Câmara Municipal de Lisboa

Morreu Jorge Costa.

Cronista.

55 anos de idade.

Dedicou os últimos meses da sua vida a escrever sobre a sua cidade, onde sempre viveu, mas vista por outros olhos.

Os olhos de quem tem a rua como casa.

Foi a voz de quem a não tem e tornou visíveis as centenas de cidadãos e munícipes invisíveis aos olhares dos milhares de pessoas que circulam ao seu redor, sem neles reparar.

Jorge Costa deu-nos a conhecer o rosto dessa invisibilidade. Os homens e mulheres que têm nome. Que são o João ou o António, a Teresa ou a Madalena e não “os sem-abrigo”, como nenhum de nós é um T3 ou um T4...

O Jorge Costa ensinou-nos que viver na rua não nos tolhe a vontade e a capacidade de sonhar, mesmo quando se dorme encharcado e com frio, com medo e receio das adversidades e do ambiente por vezes hostil.

E mesmo quando a fome aperta e as carrinhas não chegam, ou o cheiro, por não tomar banho porque não tem onde o fazer, incomoda por demais, o sonho permanece lá e a esperança está sempre viva. Mais viva do que nunca.

Morreu um homem que um dia escreveu o que sentiu porque experienciou a realidade de estar em situação de sem-abrigo.

“Porque a única coisa que tinha, quando tinha algum tempo, era apenas sonhar. E o meu sonho era muito simples, muito pobre e muito básico. A forma como eu vivia é que me limitava a sonhar assim. Eu sonhava só ser um ser humano de novo e ser tratado como tal.”

A Câmara Municipal de Lisboa presta homenagem ao cronista Jorge Costa, manifestando profundo pesar pelo seu falecimento e chamando a si o compromisso de que a todos os homens e mulheres da nossa cidade seja reconhecida a capacidade de sonhar e todos sejam tratados como seres humanos em toda a sua plenitude.

Obrigado, Jorge.

Lisboa, 22 de abril de 2022

A Vereadora

Laurinda Alves

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

## Saudação às crónicas de Jorge Costa no jornal *A Mensagem de Lisboa*

Faleceu no dia 20 de abril Jorge Costa, contabilista, cronista no jornal *A Mensagem de Lisboa* e um observador da cidade e dos seus silêncios.

No passado dia 22 de abril, a Câmara Municipal aprovou um voto de pesar pelo seu falecimento, numa homenagem de Lisboa a este seu cidadão. Importa da mesma forma homenagear Jorge Costa pelas suas crónicas.

No último ano da sua vida, e através da escrita, constituiu-se como um valioso e pertinente intérprete, entre nós e as pessoas que, por qualquer vicissitude da vida, se encontram em situação de sem-abrigo. Sabia, porque se lembrava, como cada um de nós reage, como pensa, como finge não ver, como está tão longe de fazer a mais pequena ideia do que é estar nessa situação. Também sabia, porque o viveu, o que é a luta pela sobrevivência na rua, a vergonha que é preciso perder para pedir..., como trespassam todos os olhares de desprezo ou as falsas morais de quem tem uma boa cama à espera.

Jorge Costa sabia, igualmente, quanto carinho se encontra nesta esquina, naquela noite fria ou num jardim que jamais será o mesmo do convívio antigo. Jorge Costa sabia o que custava perder a dignidade e teve a coragem de trazer para o domínio público essa experiência, o ser e o estar na primeira pessoa, em que qualquer protagonismo é sempre doloroso.

Abandonou-nos antes de tempo, de um tempo que se desejava mais longo, logo agora que tinha voltado a nascer há cerca de 2 anos. Data muito próxima da real data de aniversário, neste mês que vai entrar.

A mudança de ciclo de Jorge Costa que ele tanto procurava aconteceu em contexto de pandemia, num programa que deu resposta a muitas pessoas, no Pavilhão do Casal Vistoso, sob um plano municipal aprovado também por esta Câmara.

Jorge Costa mantinha a coragem todos os dias, lutando sempre pela sua dignidade mesmo quando dela prescindia. Amava Lisboa e captava a luz noturna, o silêncio nas noites em que novas paredes o apertavam, caminhando pelas ruas da cidade antiga e redescobrimdo o prazer de se distrair. De não ter de estar sempre vigilante.

Travou amizades e escreveu-as.

A Câmara Municipal de Lisboa presta pública homenagem às crónicas de Jorge Costa, histórias pessoais, de um corajoso contador das experiências. Que a partilha que fez nas muitas crónicas que escreveu em *Diário de um sem-abrigo* no jornal a *Mensagem de Lisboa* sejam para Lisboa, para cada um e cada uma de nós, um contributo que limpe o preconceito da nossa qualidade de ser solidário, para sermos maiores na cidadania.

Assim, perante o exposto e ao abrigo do disposto no artigo 8.º, do Regimento, temos a honra de propor que a Câmara Municipal de Lisboa delibere:

1. Saudar as crónicas *Diário de um sem-abrigo* de Jorge Costa no jornal a *Mensagem de Lisboa*.
2. Editar as crónicas *Diário de um sem-abrigo* de Jorge Costa em papel para que fiquem como memória das pessoas esquecidas da cidade.

Lisboa, 11 de maio de 2022.

A Vereadora

Beatriz Gomes Dias